

IRMÃO NOITE, IRMÃ LUA

ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE

*IRMÃO NOITE,
IRMÃ LUA*

Coleção



Uma publicação da



Infothes Informação e Tesouro

P682 Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim
Irmão noite, irmã lua. / Antonio Vicente Seraphim Pietroforte.
– São Paulo: Annablume, 2008. (Coleção Dix Editorial)
120 p.; 14 x 21cm

ISBN 978-85-7419-868-2

1. Literatura Brasileira. 2. Contos. I. Título. II. Série.

CDU 869.0(81)

CDD 890

Catálogo elaborado por Wanda Lucia Schmidt – CRB-8-1922

IRMÃO NOITE, IRMÃ LUA

Coordenação Editorial
Joaquim Antonio Pereira
Filipe Moreau

Produção
Lívia C. L. Pereira – Paginação

Capa
Carlos Clémen

1ª edição: outubro de 2008

© Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

ANNABLUME editora . comunicação
Rua Tucanbira, 79. Pinheiros
05428-020 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax. (011) 3812-6764 – Televidas 3031-1754
www.annablume.com.br

o universo elegante

Seu nome é Daniel, por isso está na cova dos Leões. A menina do lado é só a menina. A mão delicada... A delicadeza das unhas cortadas para melhorar o tato nas pontas dos dedos. Parece lésbica, mas é só outra aluna de piano.

Daniel explica que as notas do instrumento apenas demarcam zonas discretas sobre a continuidade imponderável, quase metafísica, da tessitura musical. Falar dessa continuidade, de certa forma, já é recortar algo que, em sua essência, não pode ser dividido. Quando valia a pena, Daniel apontava com os olhos – e que olhos bonitos tinha Daniel, pensava ela entre a partitura e o professor – o violoncelo. Nele não havia teclas nem trastes, e por imitar vozes masculinas, servia de exemplo tanto para a teoria quanto para a virilidade.

O violoncelo, embora tenha sob seu domínio menos campo musical que o piano, é mais adequado, já que afirma, mesmo com imperfeição, a continuidade da música. Daniel mostrava que, entre as notas pretas e brancas, são possíveis infinitas gradações do cinza. Mesmo com o arco, o simples fato de executar qualquer peça de acordo com a tradição da música ocidental, já impõe a clássica sistematização em sete notas e doze semitons. Daniel tentou a cítara, o sarod, a tampura... Tudo inútil, muda-se de uma sistematização para outra, nada mais.

Restava a menina: Hanon, Czerny e o *Microcosmo* – há menos desarmonia na cintura dela que nos volumes do *Cravo bem temperado*. Daniel odeia Bach; para ele, Bach destruíra a música como Sócrates, a filosofia. O grande culpado, no entanto, fora o mestre de Samos, velho palhaço...

– Não é assim, é assim – corrigiu, segurando a mão da moça. A força justa, a pele lisa, as unhas limpas e o perfume do banho em torno dos cabelos. Se eu errar de novo, será que ele ainda vai pegar na minha mão?

a hora da aula

Quando Francisco entrou na sala, a confusão imperava. Evitara ser empurrado nos corredores, evitara os elevadores, o café, a administração, os vigilantes. Evitara até o próprio Cristo, crucificado em todas as salas ao lado da bandeira do Brasil. Poderia ser pior, poderia haver também o retrato do presidente para encarar todas as manhãs.

Fechou a porta e sentiu saudades do Marquês de Pombal. Não havia diferença entre os intervalos, as aulas, a hora do recreio. As paredes, os sinais, os horários, os bedéis... Inúteis, todos eles. Sequer a distribuição curricular era forte o bastante, repetia-se em todos os graus as mesmas coisas.

Por exercícios espirituais, entende-se qualquer modo de examinar a consciência, meditar, orar vocal ou mentalmente, e outras atividades espirituais de que adiante falaremos. Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais, também se chamam exercícios espirituais os diferentes modos da pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas, e, afastando-as, procurar a vontade de Deus, na disposição da própria vida para o bem da mesma pessoa.

Um saltava na parede e voltava ao chão de pé, saciariano, ninja da puta que o pariu. Ao lado, aquele que tentara suicídio, vira o pai assassinado, a mãe ficar viúva e

a viúva, namorada. Tentou pular, o desgraçado, na razão direta das massas e inversa do quadrado das distâncias. O grandão, com cara de bobo, passou a noite acordado: seu pai, ex-aluno militar, põe o filho de castigo: nenhum pio, nenhum grito. O nazista, o descendente de italiano que é fascista, a menina que ainda é criancinha... O telefone branco na sala do reitor, o vice-reitor com cara de bicha, a copeira que trabalha aqui faz doze anos...

Pela manhã, Francisco levantou cínico, como quem se propõe evitar o pecado particular ou defeito que se quer corrigir. O diretor tem cara de bosta, o guarda da porta tem cara de cu, o vigilante tem cara de mulher e a coordenadora, cara de vigilante. Da próxima vez eu entro sem o casaco.

Francisco quase não dormiu, como criança na véspera. Chá de espécies calmantes, denso igual a sopa, igual a mingau. Fez a bomba e fumou enquanto o dia amanhecia. Vou levar cinquenta gramas, quero ver todo mundo louco, um punhado no bolso, o resto na cabeça.

Em transe, Francisco entrou na sala quando o ninja foi ao chão. O rush permanente não fazia mais sentido: a arte pela arte... Nem isso, não há nada lá. Francisco deixou cada esperança e entrou. Atravessou o túnel de gelo como super-herói em campo de força eletromagnético. Fechou a porta, foi em direção à mesa do professor. Abriu o diário pronto para começar pelo primeiro nome da lista. Ruído branco na algazarra, ninguém parado... Só aquele grandão com cara de bobo permanece quieto. O cheiro de leite talhado nas meninas, a punheta mal batida dos pentelhos, o bafo no enjôo do batom. Chiclete na boca da magrela, celular nas coxas da gordona, relógio de pulso do moleque fresco.

Francisco sacou da pistola e disparou dois tiros, um no grandão e outro na fechadura.

Clarinha

Clarinha olhava para as unhas dos pés recém pintadas de vermelho, abria a última barra de chocolate do estoque. Preciso repor com o homem do saco.

O homem do saco era na verdade o homem do supermercado que entregava as compras, feitas *on-line*. Não entendia, mas continuava a se enfeitar. Enfeitava o corpo: esmaltes, rímel, cachos nos cabelos sem secar, cabelo liso com escova e secador... Clarinha adorava espelhos.

Cercada deles por todas as paredes, de várias formas e molduras, dispostos sem simetria, surpreendia-se consigo em cada mirada. Quase despida, Clarinha afirmava a natureza atrás das cortinas. Quem tinha sorte, via a silhueta através da janela, entre sombras de jibóias e samambaias, entrar em exibição.

Talvez fizesse de propósito, ou apenas permanecesse parada. Em transe telepático, comunicava-se com as plantas. Enquanto isso, Clarinha esperava... Sabia que a qualquer momento elas entrariam pelas frestas para bulir com ela. Por baixo da porta, viriam pelo chão, ao encontro das unhas vermelhas, suavizando as penas e para embalar Clarinha pelos ouvidos. Parada, sem dança, fixada nas surpresas, como em corredores, Clarinha flutuava e saía para passear.

Clarinha morava ...

Clarinha morava na esquina. Não na esquina entre duas ruas, morava na curva de uma avenida.

Onde a Avenida Nove de Julho gera a Avenida São Gabriel, do outro lado, há um prédio de poucos andares, antigo, cercado por grades novas, com interfone no portão. As heras sobem pelas paredes, convertendo o cinza em cores verdes, ressuscitando o prédio de acordo com as estações do ano. Deusa das plantas, com uma delas na cabeça para ficar cheia de idéias, Clarinha ouviu as sirenes das viaturas.

Em cortejo, passaram apressadas. Dois camburões e o caminhão de bombeiros, feito meninos brincando de carrinho. Sem perda de tempo, a mocinha correu para a janela, acertou o foco do telescópio; amante da confusão, não perdeu nenhum detalhe.

mel

Ela disse que queria uma abelha, só que não queria com cara de inseto, disse que queria com carinho. Isso mesmo, sem maiores detalhes. Marina prendeu o cabelo enrolado no rabo de cavalo e cogitou em colocar a cara dela. Não a cara da Marina, a cara da menina.

Esboçou o desenho. A menina achou ótimo. Risca o papel carbono, depila e pronto, a abelha ficou. Separou o nanquim, coloca as luvas de médico feito camisinha, pisa no acelerador. Torturadora, viu com sorriso profissional as dores da paciente. Vou bem devagar, quero ver a abelhinha sofrer.

A prisioneira perdia-se deitada na cama. Envolvida pelas quatro paredes e o teto, como nos aquários, ora namorava o marinheiro gay, ora saía voando na cauda do dragão. Será que confiaria em mim se soubesse que acabei

de fumar um? E se eu espirrar e errar? Vupt! Ops! Já foi...

Marina mostrou o sorriso só para provocar a moça. Qual é a graça da abelha? Branca feito leite, Marina é a tela perfeita.

a garota dúvida

Loki teve vontade de dar um murro na cara dela quando ouviu a reflexão. Ludmila não quis fumar naquele fim de tarde, precisava de lucidez para suas bobagens. Loki logo viu quando acendeu o baseado e fumou tudo sozinho. Se dá para repetir as palavras, fica difícil dar o tom imbecil do olhar imbecil de Ludmila, misturado como pizza, cebola e Aristóteles.

Você foi o namorado mais legal que eu já tive. Eu sei que outra mulher vai fazer você feliz. Eu admiro sua coragem em dizer que me ama. Podemos assistir a um DVD, mas não quero transar. Eu sou a garota dúvida.

Loki não sabia se contava que ficou com a bailarina no Rio de Janeiro; se contava que, na iminência da dúvida, trocou beijos apaixonados com a enfermeira na frente daquela amiga nossa, naquele mesmo bar de onde saímos uma vez, comigo enfiando a mão na sua boceta, dirigindo com a outra mão. Vamos esperar mais um pouco, quem sabe, na garota dúvida?

De uma coisa ela tinha certeza: não gostava mais de você.

Sempre faltou entre você e ela a afetividade, que ela não sabia bem explicar.

Loki odiava quando ela ficava lacônica.

Ludmila atrás do balcão, como se atendesse um cliente, torcia para que ele fosse embora antes de algum cuco resolver cantar as horas. Teve o cuidado de fechar a porta, só não fechou a boca, aberta, cheia de dúvidas.

Loki ficou chapado. Tentou recomeçar. Tentou de novo. O livro sobre leitura nas escolas pode ficar com ela, mas vou fazer o que com a camiseta? E a panela? Amanhã mesmo, eu arrumo outra namorada. Levantou e saiu.

muito

Loki foi tomar café. Se voltasse logo para casa, ainda dava tempo de telefonar para alguma mulher.

A noite caiu.

Ele acendeu outro cigarro e já queria transar. Queria transar com Ludmila, atrasar os relógios para começar de novo. Eles não deviam ter voltado, namoro que retorna, derrama. Se até esse monstro é cornão, quem dirá eu. O problema é que o saxofonista que Ludmila beijou parecia o magro do gordo, parecia o Quico do Chaves, não parecia.

Loki queria ouvir *Czardas*, queria ouvir as *Rapsódias húngaras*, queria chutar a cara do cuco. Loki queria enfiar a mão na boceta de Ludmila.

Como se dançasse a valsa vienense, Loki saiu da padaria, foi em frente, dobrou a esquerda, dobrou a esquerda de novo, viu a luz do fim do túnel no único lugar que ainda não havia fechado as portas.

a hora da prosa

Os miolos do grandão foram espalhados feito confete. Tiro na cabeça, à queima roupa, faz isso. Nem mesmo Francisco escapou dos respingos. Se você joga um copo de sangue na parede, parece um litro; um cérebro, parece muitos.

Morreu com a cabeça para o lado, como se conversasse.

A bala entrou pelo meio da cara, pichou a parede da escola. Saiu pelos fundos, abriu a tampa da cabeça. “Vou chapar até arrancar a tampa da cabeça”, disse uma vez, antes da festa, Francisco a seus amigos. Depois ficou vazando pelo buraco.

Odor de carne chamuscada, como nos churrascos. Francisco acendeu o cigarro e fumou na sala de aula. Parecia o inferno silencioso – espectadores, os alunos esperavam pela próxima retaliação do professor.

Os filmes, as pinturas, até mesmo as fotografias atenuam as imagens de tiros na cabeça. Na realidade, os fatos são piores. O sangue se espalha rápido, espirra longe, cheira mal, parece açougue. As fotos não têm o barulho da espoleta, o perfume da pólvora, o medo.

Francisco pensou que fosse a chuva, mas era uma menina fazendo xixi nas saias. A urina desliza pelas pernas dela, vai dar no chão, fazendo um laguinho. O susto veio com a consciência da situação e o reconhecimento de quem havia tomado o poder. Vieram os resmungos, as mais choramingüelas ensaiavam desmaios, acho que o italianinho cagou nas calças.

O primeiro exasperado propôs “tá louco, cara!” só até o “ca...”. Francisco deu-lhe com a arma nos dentes.

o arqueômetro

Daniel fechou o livro de Saint-Yves D'Alveydre e concluiu “quanto besteira”. A música não pode ser relacionada a outras ciências como se fosse mais uma peça na arquitetura do universo, sequer pode ser comparada à arquitetura. À música cabe englobar todas as ciências, pois a música é a ciência do tempo, embora não possa ser reduzida a ele. Para Daniel, Kant também errara: o tempo não pode ser uma intuição interna. Intuições são precondições, e o tempo só aparece depois, quando falamos sobre ele. A única precondição é a continuidade das coisas. Uma vez recortada, aparecem o ponto e a duração, aparecem notas e cores, aparecemos eu e você.

Daniel e a dor infinita. Sua beleza quase perfeita, por isso mais sedutora, ainda por cima era protegida pelos olhos. Daniel nunca fitava de frente; sempre de soslaio, perdia-se em torno de si como paranóico. O melhor modo de conhecê-lo é imaginá-lo em meio ao corredor e as doze salas. Daniel vê as portas fechadas, sabe tocar as peças de cor. Daniel desenha portas entre as portas, elabora novas tocatas e fugas para cada intervalo novo, verifica como as doze notas podem caber nos velhos intervalos. Em seu projeto, a divisão deve gerar a continuidade – Daniel é o próprio Aquiles, longe de Pátroclo e da guerra de Tróia, perseguindo a tartaruga.

É isso que suas alunas de piano sabem sem saber: intuição sobre Daniel: sua vida secreta, suas manias, seu desprezo pelas partituras.

– Na semana que vem eu não venho, vou viajar – disse outra menina em pleno sofrimento, longe de Daniel.

Ele continuava lá.

– Vou viajar, mas mesmo assim vou pagar pela aula. Meu pai me disse que conhece sua música, disse que você é um músico genial. Contou que te ouviu decifrar harmonias inteiras sem olhar para o piano, que te viu tocar concertos *de prima* e sem partitura. Comentou que só vou entender suas aulas daqui a muitos anos.

Daniel sorriu lisonjeado. Daqui a alguns anos podemos namorar e você vai esquecer a minha música. A moça surpreendeu o músico flertando a quatro mãos: as mãos, cruzadas sob o umbigo; os pés, rentes ao chão; as unhas pintadas de preto.

– Não me leve a mal, não se ofenda. Seus dedos são bonitos – desculpou-se mostrando as próprias mãos, os dedos de pianista.

Um impulso e a mocinha, numa bravata, roubava as mãos de Daniel. Alisou-lhe os cabelos, devolveu outro sorriso, só se afastou quando ela resolveu soltá-lo. O mestre acompanhou a menina até a porta, cuidados por todos os lados e a recomendação de que comprasse uma escaleta, serve para mexer nos teclados sem ter de levar o piano junto, a boca faz a figura do beijo.

as janelas da alma de Clarinha

Para Clarinha, a semana não fazia sentido, era sempre domingo, menos aquela segunda feira. Logo cedo, não sabia quem, só de onde, Clarinha esperava pela música do andar de baixo. Às vezes violoncelo, às vezes trompete, ela nunca pensou em reclamar, mesmo quando tocava noite adentro.

De tarde era a hora do piano e o dia passava, como nas sonatas. Clarinha acordava com a luz da manhã

invadindo as janelas do quarto, da sala, do lugar em que adormecera. Tinha pelo menos quatro vidros de geléia e um de nutela, um para cada café da manhã, com os quais marcava os dias como nas paredes da solitária.

Clarinha no aquário comia seus sanduíches, bebia Toddy para não ficar faminta. Depois, depende do curto circuito, deitava-se no chão, estatelada, ou bastava tatear os tacos de madeira com as solas dos pés e esperar.

A vibração vinha dali, só então passava por baixo da porta.

Sem carteiro, sem mala direta, sem sedex, sem e-mail, só por baixo da porta, feito cartão postal.

Mas dessa vez a música veio de cima, eletroacústica, bricolada, direto do céu.

a televisão de Clarinha

O som, certamente, entrou por cima das janelas grandes. Passou por aquelas vidracinhas que estão sempre abertas, ou nunca se fecham. Passou por elas, caiu no chão, bateu nos ouvidos de Clarinha, só depois foi dar nos pés para fazer andar.

Livre do tédio, presa do inesperado.

Clarinha derramou yakult no tapete, pisou no soldado de chumbo, foi mancando acompanhar as sirenes na invasão do trânsito. Um camburão, o carro de bombeiros e o outro camburão, feito trenzinho, abrindo caminho com autoritarismo. O comboio cortava caminho feito bisturi, feito festa da demolição.

Subiram pela Avenida Nove de Julho rumo à Avenida Paulista.

Olho no telescópio, Clarinha alcançou o controle remoto esticando o pé, esticando a perna, esticando o braço para colocar rádio, televisão e internet no ar. Só trocou de janela quando a cavalaria escalou o túnel sob a Alameda Jaú para te ver melhor.

toc toc... é o frio

Puto com aquela filha da puta.

Loki misturou conhaque com martine branco.

Misturou de novo.

Loki merecia mais de Ludmila. Loki suportou seu amigo gordo, seu amigo bicha, sua amiga lésbica, que lhe dera uns tratos – nele não, nela – os bichas eram legais, mas o gordo era foda. O gordo gostava de Tom Waits.

Loki parecia uma locomotiva, Loki trator, Loki locomotiva.

O encontro de Loki e Marina é a única parte de fato boa, tão boa que ela fica assim: o trem faz a curva, vai ao encontro da mocinha amarrada nos trilhos.

a dor pode ser tão gostosa

Marina, por pouco já no quarto dela, por pouco não atende a porta de camisola.

Só de camisola.

Olhou pela janela da frente, viu a Rua dos Pinheiros, viu Loki parado, a mão no bolso, outra na campainha.

Marina havia esquecido a luz de fora acesa. Esquecido não, ia apagar daqui a pouco. Com um pé ainda dentro da

bota e o outro descalço, Marina desceu as escadas desnivelada. Ao atender a porta, o pé descalço fazia com que o vestido rosa parecesse uma camisola.

a cigarra e a formiga

– Oi, meu nome é Loki.

Maior que ela, mais magro do que ela, branco feito papel de seda, mas com cabelo preto, no máximo máquina um. Marina percebeu na voz os efeitos do álcool e da maconha – a boca que ela gostava de beijar. Homem não pode ser limpinho... Nem mundrungo...

De quebra, o moço tinha sotaque europeu e orelhas grandes. Nada da jangada de pedra – graças a Deus, nada que lembrasse o Dulce em seu palanque, nada de *Tin Tin no Tibet*.

Engasgado mais com o sotaque que com a chapação, Loki perguntou para Marina se ela ainda funcionava. Funciono muito bem... E agora? Entre descalçar a próxima bota e mandar o cara entrar, ela escolheu os dois.

luva de borracha, cama de veludo

Loki subiu a escadinha de madeira contando os dedos dos pés da moça com esmalte roxo, como nanquim, atravessado pelas pernas brancas, como cal. Deixou que ela ganhasse para pegar a última deixa da calcinha vermelha, durante a curva do sobrado.

Uma vez no andar de cima, Loki parecia feliz no atelier da tatuadora.

– Você mora aqui? – veio na cabeça do húngaro a segunda pergunta.

– Moro – disse calçando as luvas, como se fosse uma dama, como se fossem de cetim – e então, o que vai ser?

oração subordinada substantiva objetiva direta

– Eu sei que pode parecer estranho agora, diante da coisa toda, mas o que você quer ser quando crescer? – perguntou Francisco quase enfiando a pistola na orelha do segundo aluno da segunda fila das janelas para a porta.

O moleque suava, engasgava, tartamudeava.

– Que foi? O professor está fazendo uma pergunta...

Murmúrio, mijo, silêncio.

Francisco fechou os olhos e o menino que parecia o Dumbo viu a atividade elétrica gerar o pulso elétrico que veio descendo pelo braço esticado do assassino.

– Quero ser médico – respondeu o medroso.

– Sabem de uma coisa, em todos esses anos de trabalho só conheci dois alunos interessantes: um era pianista e uma era neta do Nelson Rodrigues. Só!

Francisco apontou com o cano da arma os primeiros pacientes do medroso.

– Faz o seguinte, doutor, vai lá na lousa e escreve isso aí que você disse, depois, faz a análise sintática.

Marina neo-barroca

Loki arregaçou as mangas da camisa e mirou na porta descalça de camisola cor de rosa. Nas mesas do atelier havia manchas de tinta, recortes de papel vegetal com tigres, leopardos, lontras, carpas, medusas... Subiam pelas paredes, os bichos da terra virando peixes, os peixes sumindo no mar.

O corpo dela – dava para ver bastante – era liso como papel de arroz, branco como papel de arroz, todo colorido. Do tornozelo esquerdo subiam heras, lágrimas de Cristo amarelas e rosadas, quase vermelhas, chorando para cima toda a dor que Marina fazia Loki sentir. Subiam até onde subiam os cravos rubros e pálidos na outra perna.

Marina saía da terra com folhas verdes e flores pequenas.

Marina raspava o pulso peludo de Loki.

Marina lia Claudio Daniel.

literatura brasileira

– Aposto que você só escuta bandas da Hungria.

Loki quase só ouvia bandas da Hungria. Inusitado: Marina pousou a água viva tribal que tinha no peito do pé na botina marrom fodido dele.

– Sem tirar os olhos dos seus, mira esse livro: ele é cheio de figuras.

Marina estava lendo *Figuras metálicas* com olhos profissionais.

– Escolhe uma que eu faço em você. “Fazer poesia é como fazer tatuagem”, citou.

Pegou das agulhas, como faquir, e citou de novo:

tua fé
yuri?
– um anjo
gótico
e caótico
estéril
óptico
réptil
comedor
de ópio

Mostrou no livro a figura da formiga, no rodapé da página, em cima do número 169.

traço fino a sete agulhas

– Não sei, quero algo mais abstrato.

Marina não resistiu, se não citou de novo, lembrou, citou em pensamento, “só piolhos fervilhando nos pentelhos”.

Quase perdia o respeito.

Depois das horas, esse trabalho.

Vou dizer para ele que sou mística, vou inventar um monte de besteiras, vou dizer que a noite me acalma, que tatuo descalça para receber a energia, que minha mão não me pertence, mas à figura que me guia.

no fim do mundo

Ludmila olhou para os relógios e se Loki poderia ter ficado esperando escondido. Loki nunca mais. Nunca mais ele e nunca mais você.

Confundindo os ex-namorados, Ludmila sabia que Loki não se escondia. Vazou; literalmente, ele vazou por ela. Ele te atropelou feito trator, ele foi o namorado mais legal que você já teve, ele podia fazer o que quisesse contigo.

No segundo dia de namoro, Ludmila, perdidamente apaixonada, teve forças para beijar pela ultima vez o ex-namorado dos dentes tortos, parente da ex-namorada dela. Ludmila e seus álbuns de família, flor da idade, Ludmila que amava o gordo, que amava a louca, que amava a parente do gordo, que amava a filha.

Ludmila gosta da cena mole, fruto do momento, acredita que o cara mais pafúncio tem dentro de si um ser humano. Menos Loki, esse não, esse maldito, esse fascista, essa bicha mal resolvida.

Ele te comeu, te comia a boceta, o cu, te masturbava.
Loki, dor e medo.

Ludmila demência servil.

Além da coleção de garrafas de plástico e de insistir em não parar de falar dos ex-namorados, Ludmila mexia com relógios. Quem diria, Ludmila fazia da perda de tempo uma arte.

A engenhosidade em resolver sistemas é uma herança maldita – faz o músico, faz o autista.

demonstrações empíricas da metafísica

Daniel ligou o rádio, deixou fora de estação.

Concerto para rádio, violoncelo e trompete. Os dois calados e o rádio fora de estação, inventado por Marie Curie.

Sabe como o homem inventou o rádio? Foi assim: ele estava riscando uma pedra com um fio de cobre e então, de repente, ele ouviu uma estação. Mas foi Daniel que colocou a estação fora do ar.

Quem sabe, tentar a solução taoísta, aquela que deu origem à lâmpada elétrica – não pode queimar se não há ar, não pode fazer bem se não fizer mal. Quem sabe, na comunhão de todas as frequências, no centro escuro do ruído branco, a música universal se soluciona?

antiDescartes

Daniel até poderia admitir que a verdade é o que vem de Deus, mas nunca concordará que a matemática é o meio mais seguro de se chegar a ela. Quem pensa assim é um Pitagórico disfarçado, como Albert Einstein, como os inventores da tabela periódica.

Desantropomorfizado, Deus é tudo – seja você animista, budista ou crente ignorante.

Música e Deus são a mesma coisa, só que de Deus todo mundo entende.

Mesmo assim, Daniel gostava de Davi.

Gostava da música que acalma.

Gostava das trapaças.

humilhação didática

Francisco deixou o médico no quadro negro.

Vou zoar com a gorda.

Francisco tirou do bolso um pacote de salgadinhos:

– Quer?

– Que foi? Não se lembra do que falou.

– Quem tem um celular para emprestar para o professor?

O celular tocou no telefone branco do diretor do colégio, o movimento na porta aumentava.

– Alô?

o homem é criado para louvar

– É você?

–

– Não, estou são.

–

– Escuta: uma vez um cara me passou um trote, ele sabia meu endereço e meu telefone: disse que tinha sido pago por duas mulheres para me matar: quando eu tentei gritar com ele, ele me chamou de comédia e disse que queria salvar minha vida: que se eu batesse o telefone na cara dele, quatro ex-policiais militares invadiriam minha casa e me dariam um tiro na cara: ele podia tudo isso mas não sabia meu nome: então, Comédia, telefona pro último andar e pergunta para quem estiver olhando:

Como exibicionista, Francisco abriu o capote, mostrou as fileiras de dinamite ao redor do corpo.

geometria sagrada

Não sabe se aconteceu de repente, antes não estava assim e agora estava; ou se foi devagar, ao longo do tempo, e se deu a perceber quando não podia mais ser ignorado.

O quarto estava diferente. A mesma iluminação de baixa potência, os mesmos móveis, os mesmos instrumentos, o busto de John Cage sobre o piano e a distorção.

No começo, Daniel pensou que fossem seus olhos. Dedicado aos ouvidos, é provável que os olhos enfraquecessem. Depois, notou que não eram apenas os olhos, a distorção afetava-lhe os ouvidos. Desesperado, cego como Bach, surdo como Beethoven, ficaria louco como Schumann quando sentiu embaralhados todos os sentidos.

a música maldita

Daniel deveria detestar Steve Reich, no entanto, nunca soube o que dizer do compositor. Agora sabia.

Daniel entendeu.

Se não entendeu, havia se deparado, pelo menos, com uma hipótese de trabalho: a descontinuidade do ritmo e a continuidade da melodia dependem da frequência do observador, portanto, só há instrumentos de percussão, ou só há instrumentos melódicos, logo, não há instrumentos.

O instrumento musical destrói a música, como Pitágoras.

Daniel descobriu que sua busca fora infrutífera antes devido aos instrumentos musicais que pela habilidade em manipulá-los. Não dependia deles, mas dele.

Abraçado ao violoncelo como a sua aluna mais bonita, Daniel substituiu o amuo pelo estacato. Devagar, a melodia virou ritmo e o ritmo, silêncio.

Foi então que o quarto mudou.

Daniel distorcido

O universo pode ser formado por várias dimensões, só que algumas são tão pequenas, que só no mundo subatômico podem ser percebidas. Além do mais, há universos paralelos que interferem no nosso por meio da gravidade, invisíveis não porque são pequenos, mas porque sua luz não chega até nós, só sua massa. Entre tantas dimensões, a energia vasa.

Espaço e tempo, na concepção da física moderna, tornam-se personagens de histórias de terror.

Daniel viu surgir em sua frente seu quarto transformado em outras coisas, as paredes perderam sentido e o núcleo da distorção, como Deus, era o centro que estava em todos os lugares cujos limites não estavam em parte alguma. O salto da carpa na lagoa, o zumbido das abelhas, o fluxo da garça, o olho dos bichos no escuro, o mar que se desvia para o verde, o ultravioleta, as ondas de rádio, os raios X, os raios Gama, o músico e o monstro.

apocalípticos integrados

Clarinha viu a foto na televisão, foi amor à primeira vista.

Fora da carteira de trabalho, ele com certeza seria bem mais bonito.

Na TV, na rede, no rádio, Francisco tornou-se colorido, ganhou expressão cansada, ganhou honestidade.

Musicalizado pelas mídias da mocinha solitária, Francisco entrou em sua vida.

Irmã Lua, Clarinha. A quietude é quase um sonho.

O anjo de Sodoma te transforma em mel.

Você não foge na saída do inferno.

a cabeça da Medusa

Ajustando o foco da luneta mágica, Irmã Lua ia mais rápido que os bombeiros e a polícia no encalço do terrorista.

Achou Francisco mais bonito, telescopicamente.

Encontrou o professor lecionando com as cortinas e as janelas abertas, democraticamente.

Fumando o cigarro, como subversivo.

Cercado de dinamite, como se fosse mina de prata.

Percebeu você do outro lado.

Percebeu Clarinha no quarto.

cobras encaracoladas

Transfigurada, Clarinha afastou-se das lentes. Descoberta, preferia estar mais arrumada para receber a surpresa de Francisco.

Voltou logo a olhar.

Na janela da porta da sala de aula, colocada em abismo, as carinhas dos espectadores dos tiros saíram correndo em disparada, abandonando os alunos à própria sorte.

Primeiro os mais desesperados, pisoteando quem surgisse pelos caminhos, mulheres e crianças dos andares de baixo. Ninguém quis ver as dinamites, ninguém queria falar hoje com Francisco: nenhum pai, nenhuma mãe, nenhum diretor.

Injusto, Francisco falou pelo celular, desnecessariamente, que se alguém se aproximasse ele explodiria o colégio inteiro.

Falou que não queria dinheiro, que não padecia de doenças terminais, que não havia planejado a fuga.

Então, sentiu sua vida passada no telescópio.

Desligou o celular, voltou-se para a janela na direção da moça, que se escondia.

Agorafóbica, Clarinha nunca mais saiu de casa.

Como o perneta que ganha a taça, o maneta que toca o harpa, o cego que escreve o soneto, Clarinha passeava eletrônica, telescópica, indireta.

Francisco na velocidade da luz gostou da observação.

Por trás do bandido, a mocinha; gravado na memória dela, Clarinha é a mocinha que vê Francisco da janela.

Irmã Lua que não foi embora com a Noite.

Irmã Lua, irmão Noite.

subMarina

Podia voltar quando quisesse, menos terças e quintas.

Loki deu o cheque pré-datado, perguntou se podia ser durante a noite.

O húngaro saiu contente depois de cortar o pulso esquerdo, algo mais abstrato. Marina fez como se abrisse o *Mutus liber*, o jogo áureo, um traçado na margem, por conta da diagramação do volume, era tão abstrato que não havia legenda que traduzisse seu significado.

De olhos fechados, Loki mergulhou na fantasia.

Marina pisando no acelerador com o pé descalço, Marina fazendo hora extra por causa do menino orelhudo e emburrado, cara de pirulito, parecia terças e quintas não fosse ela a machucar.

Enquanto as agulhas injetavam nanquim no pulso virgem dele, Marina acompanhava o riscado em forma de mandala que saía do pulso dela, em forma de arame farpado sobre o peito da mão e dos dedos, para não errar.

As unhas roxas pareciam machucadas na mão sinistra de Marina.

Quando será terça-feira?

Duvide que ele volte de novo na semana que vem.

a coisa secreta de Marina

Para fazer direito, era bom que dormisse cedo, tanto para sua disposição quanto para a demora do café da manhã.

Como os cavalos de corrida, Marina se poupava na noite anterior de seus dias especiais. Não se masturbava, não convidava a visita inesperada para ficar. Se for por amor, ele voltará... Ele voltará...

Fumou o último baseado depois de apagar as luzes, dormiria ouvindo *Os mestres cantores de Nuremberg*.

Sonhou que era Eva Braun, que matava o Führer, mas não se matava, que fugia para União Soviética ao encontro de Loki no Kremlin.

Acordou disposta como queria. Lá fora ainda era noite, porém, amanhecia.

O xampu tinha cor de pudim, o condicionador dava vontade de comer. Creme esfoliante de alecrim, com sal do mar, para pernas e pés, direto no calcanhar liso de criança. A boca arde no germicida, a pele se resolve no sabonete de petróleo e lama. Acetona deixa a unha branca, hidratante deixa a pele clara, desodorante deixa a sala perfumada.

Ainda assim, dentro do horário, Marina tostex presunto caro queijo amarelo ouro, croissant, chá importado da China, verde cor de mato. Café para ficar acordada, maconha para acalmar os nervos da anêmona que se abre no mar.

Loki iluminado

Loki examinava a tatuagem como se verificasse as horas.

Abstrata, como ele pedira. Não abstrata a ponto de não parecer nada, parecia alguma coisa.

Parecia o percurso gerativo do sentido.

A lua, a lâmina, tanto faz, importava ter aquela forma, simular que refletia o que viesse do punho. Os traços eram como piercings, terminavam em bolinhas, como nas jóias. Nenhuma cor além do nanquim e a pele.

Loki subiu a Rua dos Pinheiros, feito soldado, para se esconder entre as Avenidas Rebouças e Brasil. Sem parar a marcha, enrolou a bomba mágica disfarçando, gingando como húngaro na roda de capoeira.

Misturado ao tabaco, a maconha fica menos perfumada, menos evidente.

No espírito da Lua, como no pulso, Loki, assim que terminou de fumar, teve acesso ao metaconhecimento.

a dama da lotação

Em sua fantasia, Marina deveria estar diferente, descaracterizada.

Nada além do asseio e dos desenhos na pele que não podia tirar. O piercing na língua, o único do corpo, fácil de esconder, ficava. Mas ficavam na pia do banheiro os brincos e as coisas de amarrar nos pulsos e nos tornozelos; e aquelas de enfeitar os dedos das mãos e dos pés, junto com os chumaços de algodão cheirando acetona.

A calça básica, azul, porque estava no fluxo dos transportes públicos. Se fazia frio, a camiseta preta tinha as mangas compridas; se fazia calor, tinha as mangas curtas e o decote cavado. Às vezes, também subia acima do umbigo. Os pés sempre nas sandálias de couro, de andar em casa, rentes ao chão.

Quase inventava um nome falso, não titubeasse com o verdadeiro na hora das respostas.

Ia dar na Zona Leste, ao longo da radial, na última estação do metrô mais um trajeto de ônibus. Ia dar na casa da velha.

No bairro distante, um cinturão de sobrados desenhava a classe média em meio às especulações imobiliárias e guaritas de madeira pintadas de verde escuro, como é o verde do exército.

Marina esperou no portão para não incomodar; na hora marcada, tocou a campainha. A cabecinha branca apareceu atrás da cortina vermelho ruína, afastada no canto inferior. Já se impunha na pontada do queixo fino para o alto, mostrando soberba, o enfado de abrir a porta para faxineiras.

Indignada para abrir passagem, mas desconfiada para dar as chaves.

A velha era assim, no mínimo confusa.

Loki transtornado

Sentou-se na calçada e parou.

Loki, não fosse a lucidez idiota nos olhos, estaria pronto para ser tomado por loucura.

Começou igual: de repente, o tempo não transcorria como sempre.

Então, a esfera in-visível apareceu, pois dela saíam raios que se voltavam em curvas; por isso, brilhava na exposição, mas se recolhia transparente; in-visível só para ela mesma. Rosa, Loki, surpreendentemente rosa.

O metaconhecimento, Loki. Por quê? Eu não sei.

Loki tenebroso

O húngaro parecia estar em uma capa de livros de RPG, estendendo o pulso tatuado em direção ao metaconhecimento. Com a outra mão segurava o beque da brasa agonizando, na maior bandeira.

A iluminação transparente, passível de ser descrita, portanto, cartesiana, entretanto, religiosa, tornava-se budista. Um paradoxo para Loki conhecer.

Produto da maconha? Claro que não, que não se confunda a causa e o catalisador.

Talvez, a parcela abstrata do metaconhecimento. Seu componente concreto nunca, esse veio do corte.

Um pulso igual que um pulso, em Marte ou Eldorado,
mas no pulso de Loki.

A dor da tatuagem cresceu inflamada, fez nascer o medo.

Medo dos russos e dos neonazistas.

Medo da polícia, medo de broxar.

Medo de perder a alma.

no mínimo, confusa

Marina, modificada, passou por baixo da empáfia da
velha, humildemente.

Procurava não rir. Em parte, a quase viagem feita pelas
zonas da cidade ajudava Marina a se compor. Era o tempo,
em sua meditação, para que se livrasse dos resíduos que
não haviam ido com seus adereços e estilos de vida.

Mesmo as tatuagens, intangíveis, mudavam de valor
– o adorno virava marca, sua identidade virava estigma.

Passava pelo portão, subia a rampa da garagem sem
carro, seguia até a área de serviço. O quarto de empregada
havia sido ocupado pelo museu pessoal da velha. Sem
quarto, Marina trocava-se no banheiro apertado, dividindo
espaço com cascos de garrafa e botijões de gás.

Embrulhadas no saquinho de plástico, Marina trazia
as roupas de trabalho. Mudou ainda mais: trocou a calça
pela mini-saia curta, puída, comprada a mais barata de
propósito; trocou a blusa pela camiseta manchada, alguns
números menor que a sua, próxima do pano de chão;
permaneceu descalça quando saiu.

o caso da vara

A velha comprava os produtos de limpeza mais baratos do mercado. Entre a avareza e a economia, a velha se dizia moderada; só não explicitava moderada com quem: limpa-vidro era álcool diluído n'água, detergente era um pouco de sabão em pó, sabonete era sabão de coco. Descrente da tecnologia, aspirador de pó era vassoura, mangueira era balde, flanela era trapo.

Assim por diante, as máquinas de lavar roupa e louça eram os braços de Marina. No dia do contrato verbal, sem nada assinado, examinada pelos óculos do tempo do onça, a velha perguntou se as tatuagens de Marina não saiam tinta. Contudo, o preço ficava bem abaixo dos níveis do mercado. Beirando a escravidão, Marina foi contratada com poucas discussões.

Loki etimológico

Qual a etimologia da palavra etimologia?

Étimo é oriundo do grego *étumon*, cujo significado é a verdadeira origem das palavras. A etimologia trata, portanto, do estudo dessa verdadeira origem.

Esse é apenas um dos modos de compreender o meta-conhecimento.

Mas é melhor, então, explicar o significado do significado.

Não há relação entre palavras e coisas, Loki, por isso não pode haver etimologia. Não pode haver origem verdadeira em algo que não é verdadeiro.

A lógica é apenas a retórica que não se diz argumento; a denotação tem a conotação de que é denotada; o

significado do significado é o homem, que é o significado de todas as linguagens.

Sua bolha cor de rosa, Loki muito louco.

Ludmila

Ludmila prendeu os cabelos para ficar feia.

Deu cordas nos últimos relógios. Antes, tivera o cuidado de colocar os últimos à prova d'água dentro do aquário. Imersos como peixes, para serem testados, fazendo tic-tac lá embaixo.

Surreal seu aquário, Ludmila. Resta colocá-lo na cabeça, feito astronauta, e sair na rua para disfarçar.

Hoje, Loki não veio te buscar..

Ludmila atormentara Loki durante semanas com as histórias do estuprador. Há um estuprador solto pelas ruas no bairro de Pinheiros. Com certeza. Não apenas um, mas vários, um em cada esquina pronto para atacar você. O lado tenebroso é da violência, ou está nas cismas dela. Não importa, Loki teve de buscá-la todos os dias.

O estuprador prefere mulheres de cabelos longos, por isso Ludmila deu fim a seus cabelos longos. Fechou a porta da relojoaria, embaixo do relógio de madeira que enfeitava a casa, que marcava dez para as duas e piscava um olho. O guizo é o chapéu do relógio com cara de palhaço.

Dez e dez da noite, Ludmila dobrou a esquina, levou um tapa pela rua escura. Foi pega de cabelos curtos, metida dentro da Kombi branca, feito ambulância. Dois socos na cara, ela viu um homem como se fossem três. O do meio lhe abaixou calças, estuprou Ludmila no passeio tórrido.

histórias da quinta dimensão

Daniel jamais esperaria ver sair dali, do meio do vórtice, a sombra difusa.

Por instantes, o centro da distorção pareceu se abrir num abismo imenso, desumanamente profundo. Escuro o suficiente para absorver a luz, povoado de sombras tão densas quanto ele. Uma delas, no instante de nenhuns segundos, escapou; escapou para algures.

a música maldita de Daniel

Daniel se lembrou dos livros de Santo Agostinho e caiu de joelhos. Pediu perdão por seus pecados, pensou que havia morrido.

Ainda não, Daniel, por seu castigo.

Compreenda os paradigmas da Igreja: Cristo não deveria ter sofrido em vão por suas dúvidas: entenda tarde demais a proibição de certos intervalos. O canto chão já é polifonia, distende a nota como na tortura, imagine o que você fez!

Por muitos anos, a música foi mantida longe das igrejas. Há músicos entre os demônios, Daniel, como aparecem nas pinturas. Há o anticoro, o canto de Satã no centro do universo, a variação tão distante do tema como se já fosse outro.

A ópera invertida atrapalha a síntese das artes pela confusão.

Meu nome é legião, Daniel, este plano do universo precisa ser traçado novamente, precisa ser desestruturado filosoficamente, antipitagoricamente concebido.

Francisco fala com os animais

O bom comportamento imperava na classe. Alinhados como soldados, como deveria ser perante o professor.

Silêncio permanente.

Francisco apagava as diferenças entre as classes sociais mais rápido com a dinamite.

Silêncio no corredor. Do último andar, dava para ver a instalação da desordem na Avenida Paulista. Anti-pedagogicamente, o primário se misturava aos últimos anos do colegial no meio da rua. Bombeiros e policiais afogados pela criançada, o trânsito parando entre o MASP e a Rua da Consolação.

O piloto do primeiro helicóptero que passou fez o sinal da cruz, acenou para Francisco como aliado. O desejo de boa sorte ficou no polegar apontado para cima antes da meia volta.

Antes da polícia, Francisco já se via enquadrado pela rede dos noticiários.

O monstro desumano seria salvo por seu direito natural?

Quem defenderá o professor assassino? O homem bomba será detonado para o contra-exemplo?

Atento, um olho na porta trancada, outro verifica a delícia de ser a causa da confusão no espelho de São Paulo. Iluminado pelos versos da Igreja, o Espírito Santo desceu em forma de pomba enfumaçada pelos grandes centros, pousou no parapeito da janela:

– Muito grave é seu pecado! Desci para ver se de fato eles agem, ou não, conforme o clamor que veio até mim; quero sabê-lo.

a cocaína adormece a boca

Pasmado, Loki nunca mais voltaria a si. Acendeu o cigarro na ponta que morria, encostou-se no muro só por distração. A nicotina acelerou seus pensamentos, dentro de alguns instantes, o tempo voltaria a transcorrer como de costume.

Como malandro da década de 1930, Loki divagava rente ao muro coberto de hera.

Como entender sua triste figura? A cabeça oca, por fim. A realeza se impõe no meio da rua, Loki deixa para trás o que passou, segue pela avenida congestionada andando a pé.

A locomotiva corre em direção à moça amarrada nos trilhos.

Loki chega na Alameda Franca antes dos automóveis e das motocicletas.

O moleque de boné já sabe, Loki compra a cocaína sem bicarbonato, sem traços de aspirina. Loki deixa os gays mal comportados, até a lésbica convicta fulmina o homem da hungria.

Gays, lésbicas e cocaína.

O metaconhecimento precisa ser assimilado.

A mente drogada e o machucado no pulso.

o poeta alcoolizado

Sentado na sarjeta como lorde, Loki se pôs a ver o movimento. Arrumou a cocaína ali mesmo e mandou.

Puxou devagar a fita crepe, o magipac desgrudou lentamente.

Loki aproximou o pulso do copo de uísque com gelo para refrescar.

A Lua no céu reproduzida em meia Lua pela tatuagem; a mão esquerda teria revelado sua habilidade na punheta?

A marca definitiva comunicaria o homem com a Lua. Pela noite afora, Loki conversou com Ela até ser descoberto pela madrugada.

Clarinha e o equilibrista

Teria sido trágico para qualquer mulher descobrir no rosto do homem amado o semblante de um monstro assassino. No entanto, Clarinha sorriu admirada.

Francisco tornava-se um artista do terror, seu seqüestro, arte conceitual.

A excitação foi tanta, que teve de cruzar as pernas, coxa sobre coxa, na ponta dos pés. Levou a mão ao púbis e assistiu:

Englobado pelo círculo da luneta, Clara acompanhou a passagem do menino sobre a face da terra.

De longe, viu quando Francisco apontou a pistola de encontro a ele, mostrou o parapeito da janela aberta. Como suicida, viu o moleque andando sobre a Avenida Paulista vista do alto. O menino andando de costas para a parede, pé ante pé, as mãos ao encontro do muro como criminoso.

De frente para o mundo, Clarinha viu o pavor do menino perante a realidade das coisas. Se ele pular, um coro de anjos poderá sustentá-lo com seu canto?

Clara via o lado objetivo, promovido pelo distanciamento. Em sua mania, o mundo não passava da porta de casa sem ser filtrado pelas lentes das câmeras e dos binóculos, pelas

diversas câmeras escondidas ao longo do corredor que cercava seu apartamento em um por andar.

Da passageira da porta, como nos motéis, para as compras, mudava apenas a tecnologia da aversão. Por isso o menino parecia de circo, colorido como nas telas dos computadores.

Clarinha substituíra, paulatinamente, as falas por telefone pela escrita impessoal da rede. A escrita basta, apaga a entonação nos grafemas. As linhas sem os telefones, a luneta, o telescópio para a ver as estrelas no espectro de luz.

O menino aterrorizado pelo professor fora convertido em ondas, tele-transportado até sua casa como desenho animado.

No entanto, Clarinha, o que determina o objeto é o ponto de vista.

nada tema, Loki, não há problema

Às oito horas da manhã, Loki recuperou o consenso; às nove, pode-se levantar, sentado como estava, um macaco na calçada; às dez, café na padaria.

Atravessara a noite chapando com álcool e cocaína. O rosto áspero como lixa deixava o húngaro pronto para se defender do pão com manteiga e do copo de chocolate batido. Pão quente, o leite frio para apaziguar seu interior.

Não adianta procurar; durante o dia, você não vai poder ver nada.

Francisco e a luta de classes

– Você aí, de pé.

O adolescente obedeceu contra a vontade. De pé, ensaiaria o olhar atrevido, aquele que sempre via Francisco de cima? Sem perder o vício – no primário, o professor foi sua babá, no segundo grau, empregado, mordomo, cachorro espezinhado na hora da raiva – tentou.

Tentou e levou um soco na cara. Um soco forte, revolucionário, covardemente bem dado, olho por olho roxo, dente por dente quebrado.

Certa vez, Francisco tocara seu ombro por camaradagem. Fora divisado com desprezo, como se esse professor de merda pudesse me tocar.

E tocou agora, na cara; te chutará a barriga quando você cair feito bosta no chão.

Francisco espancou o aluno em plena sala de aula, na frente de todos, como nas arenas.

Quando aquele palhaço cogitou em sobrepor seu desrespeito às armas de Francisco, vício do mesmo olhar prepotente dos pais, dos avós, dos primórdios do planeta dos macacos, toda sua geração apanhou no soco na cara. Um soco bem dado, saboroso, impactante como bola de ferro das máquinas de demolição.

Bestificados, os demais alunos viram o porco burguês sendo espancado como proletário, como professor em dias de greve pela polícia política, como merecia em todos os pecados herdados da família.

Atordoado, levou o segundo antes do solo. Dois com a direita, o terceiro com a esquerda sem lagar o cigarro. Francisco foi por cima dele como se fosse aluno, briga na sala de aula, espaço aberto pela molecada afoita.

Alguém está torcendo por Francisco? Alguma menina mais esperta, algum mocinho solidário?

super-herói

– É claro que o Lanterna Verde ganha do Arqueiro Verde; o Arqueiro não passa de um ser humano treinado, já o Lanterna tem o anel dos Lanternas Verdes. Se ele quiser, pode materializar flechas de energia concentrada, enquanto o Arqueiro tem recursos mais limitados.

Loki podia ouvir a conversa mole de alguns moleques de calças curtas, acomodados a alguns metros da padaria, na loja de quadrinhos, vigiados pelo Jason e o Surfista Prateado. Nenhuma moça; só eles, a Viúva Negra, a Electra Assassina.

Loki bebia o iogurte com cenoura e mel no copinho, como se beijasse alguém.

Entrou na loja atraído pelos alienígenas da vitrine e as bonequinhas dos mangás. Sentiu tesão pelas bonequinhas.

A tatuagem ardia pela primeira vez. Ardeu toda vez que Loki esticou o braço para pegar os quadrinhos como se fossem livros, literatura por imagens nas caras noiadas de Daniel Clowes a Suehiro Maruo.

Um dia, traduzir *Falling into Place*, de Dennis Cramer. Quem sabe, tatuar Mara pelo corpo andando descalça entre as latas de lixo. O saquê dos deuses, Kagome; Yura dos cabelos invertidos, Kagura viaja pelo vendaval. De dia, você ainda não viu nada, Loki – curte teu tesão por elas na página do mangá, deixa aqueles bobocas lá fora investigando o Super-Homem.

É fácil vencer o Lanterna, Loki, o Verde da lanterna dele nada pode contra a ponta do dedo amarelo.

a gótica que ri

Clarinha sentiu ciúmes. Mesmo assim, ficou feliz quando viu Francisco transando com o anjo proibido.

Não foi agora, será adiante. Agora, Clarinha vislumbrou o flerte no gesto da mocinha aluna; detida, mas não como os demais colegas. Isolada, nas roupas pretas e na última carteira da fila do canto, cheirava ainda a leite aquela menina, insinuava já a puberdade debaixo da tampa da carteira.

O palerma havia se transformado numa espécie de sinal do espaço, Francisco virava o milênio na frente dela. Abriu-se um dos selos como se abrisse a porta de manhã: ele entrou triunfante sobre a algazarra e o coração despreparado da mocinha de cabelo pintado de preto.

Espantou-se com o assassinato, admitiu o que foi feito com os mais covardes, entregou-se quando viu a muqueta no nariz quebrado. No final da pancadaria, sentiu o quanto a semente plantada por Francisco poderia germinar em seu plexo solar conforme o sutiã sob a camisa branca, quase transparente.

Quando emergiu coberto de glória acima da criatura, o agressor de menores viu, de soslaio, os cílios curvados feito duas bocas a lhe dizer “te amo”.

a emoção nos lábios de Clarinha

Clara sentiu-se tonta por alguns instantes.

Tateando as paredes da casa, chegou ao macio da cama feito pluma.

O que te deu tanto prazer pela tontura? A surra de Francisco ou a paixão da aluna?

Clarinha terminou na cama o que começou de pé, no telescópio.

O que você faria se soubesse que está sendo vigiada, assim como você vigia?

Qual Legião se avizinha como *serial killers*?

as tentações de Daniel

O músico despertou exausto. Desamparado, acordou do pesadelo insano.

Há um clima de terror no ar, Daniel, que se move em ondas como sua música. Ainda que não houvesse acontecido nada, a impressão do que se deu de fato ou mera imaginação bastariam para causar pânico; a ilusão de algo tão medonho é motivo suficiente para te deixar com medo.

Lavar o rosto não adianta nada, a dor não passa. Quanto mais vermelho ficarão seus olhos antes dos vasos sanguíneos começarem a estourar como fogos de artifício?

A distorção sumira.

Nunca houve distorção além do pesadelo lúgubre?

Os músicos são da ordem de Orfeu, quando a obstinação se transforma em transtorno, o transtorno, em mania compulsiva. Zé Eduardo Nazário já dizia: se você fica um dia sem tocar, você percebe; se fica dois, seus amigos

músicos percebem; se fica três, o público percebe. Também dizia: quando você acordar, lembre-se de que outros músicos estão de pé e vão treinar ainda hoje.

O violoncelo te espera feito namorada ansiosa. Aproveita, Daniel, faça sua hora, aproveita que, apesar de tudo, você acordou de pau duro.

o primeiro poder: a percepção

A visão arrebatadora, a cocaína, as mocinhas dos mangás, mais de 24 horas em atividade. Loki comeu alguns sanduíches, rosquinhas doces com creme de baunilha, os ombros da moça negra atrás do caixa, coberta de trancinhas finas.

Daqui a pouco você vai ficar sujo demais. Precisa de banho, precisa cagar em casa sossegado, precisa de cama; por isso, passos largos pela tarde que cai no encontro da Avenida Paulista com a Rua da Consolação.

Varar a tarde, atravessar o parque, sair do Trianon em frente ao MASP. Descer a Nove de Julho na encolha, dá até para fazer outro baseado com o que sobrou dentro do bolso.

Chapa, mexe com a menina enrolada na mini-saia como em um problema de geometria. Machista, pensa que ser mulher é fácil?

Ela ouvia Chico Buarque de Hollanda no *discman*, por isso passou rebolando.

Há dinheiro para o ônibus? Desista. A tarde está bonita, sua grana acabou na cocaína, resta algum para fazer o lanche na Joaquim Floriano.

A noite continua plena quando você chega na São Gabriel com a Nove de Julho.

Vai tudo bem até agora, nada que se pareça com o que se dava ontem nesse mesmo horário.

Loki admira quando a noite cai pela cidade de São Paulo; o céu amarelo fica roxo, de repente, o azul escuro predomina. Nuvem, fumaça preta, algumas estrelas pelo tempo quente sempre que não chove. Antes de tudo, o azul claro ao redor da Lua, se são sete horas.

Numa encruzilhada como essa, Hécate te apareceria na Grécia na forma de algum animal noturno – um furão, uma hiena, uma coruja – como Ela te engana ainda, quando vira pomba no teto das igrejas.

Romântico demais para ficar na Grécia, Loki viu o que queria, iluminado pela tatuagem da menina estranha.

Parado do outro lado da rua, diante do prédio de poucos andares, cobertos de hera, Loki viu a outra menina, tão estranha e tão bonita, através da janela clara.

Viu, no andar de baixo, o pianista louco e o recital maluco. Na penumbra, essa luz já não seria propriamente clara, mas profunda. A ponto de parecer vinda de outro mundo, Loki recebeu os fatos como se tratassem ambos sobre o mesmo assunto.

A moça na janela clara, o moço na janela escura; no outro lado da rua, Loki disse não ao não porque, como se fosse música, uma criatura mórbida escapou pela fresta do maestro monstro.

a noiva platônica do húngaro sardônico

Loki estava na encruzilhada de três, em plena rua no sinal aberto. Também podia ver como se estivesse lá em cima, espiando pelas janelas, com olhos de raio X através das paredes.

Viu três coisas ao mesmo tempo e não se confundia: a rua, a janela clara e a da penumbra.

Na primeira janela, Clarinha. Loki lá em cima via Clarinha pela primeira vez, ainda passado distante, alheia do parceiro prometido até o final das eras, como maldição eterna. Clarinha potencializada, pode-se apaixonar por qualquer presença: a música que sobe lenta do andar de baixo, o espectro de Loki desde a rua incerta.

Ela sente sua névoa, interpreta como vento seu encantamento. Clara pode ser tocada enquanto luz quando bate na retina do húngaro apaixonado. O apartamento se parece cofre, fechado por dentro há muitos anos. Ruína preservada pela natureza anticomulsiva de Clara, cada coisa em seu lugar apropriado, até a poeira, jogada com desleixo entre as lunetas cônicas.

Sua única mania, a agorafobia. Sua maior tragédia, Loki, embora presa na janela, no alto da torre, ela não quer saber de mais nada.

o inimigo irônico

Na segunda janela, no andar abaixo da janela de Clarinha, Loki viu o violoncelo, o piano, a tampura... Viu Daniel alucinando, ajoelhado no chão. Na pupila dilatada, o vermelho do flash marcava a hora exata do susto.

O medo podia ser tocado no ar tamanho o fluxo do pânico de Daniel, a ver a história da música passar em um segundo pela mente insana. Medo, Loki, é disso que se trata nesse quarto.

Medo tão viscoso que deixou o rastro que só você pode ver, que parte do canto escuro da sala do piano, se alastra

pegajoso até a parede ao lado, escapa através da janela pela noite afora.

Ele sabe, Loki, você o viu. O músico já não pode fazer nada, mas você pode.

Escondido em meio os arbustos do antigo pátio, ele vê você em três lugares e quase não entende.

Sorte sua, Loki, nem o inferno compreende tudo.

a face que Marina dá e a face que não

Sexualmente resolvida no dia de mercúrio, no entretanto do aconteceu ontem e o que acontecerá amanhã, Marina, às vezes, pensava em homens.

O orelhudo da sexta-feira, a tatuagem feita de hora extra, acalcada mais do que precisava e ele nem notou, impávido colosso. E se ele tiver um pinto fino? Um pintico bambo? Por que tantos pintos hoje, Marina, logo você, tão eclética?

Na poeira do Toddy sobre o leite, você beijaria o cara, só pensando nele? Faminta, logo de manhã, só o chocolate te prepara para começar o dia. Na agenda, nem o nome dele, sequer o endereço. Nômade, vai contar com a sorte. Bem feito, se fosse de outro jeito, quem sabe voltaria hoje para ser riscado.

Isso é que dá tratar os homens com facada, mesmo na substituição da lâmina reta pela agulha única.

Pelo menos, daqui a meia hora, a primeira cliente do dia é magrinha e bem gostosa.

moLoki

Um homem sozinho, soturno, no meio do nada com a faca na mão.

A geléia de amora é tão doce! Faz lembrar os lábios dela. Se fosse de laranja, lembraria seus cabelos.

Loki destroçava os pãezinhos doces com a serra das bengalas, imprópria.

O poder da visão modificara nosso herói mais do que ele se dá conta no momento. Por enquanto, há mais espanto com a mocinha que com a visão adquirida.

Dá na mesma, Loki, não fosse o pulso inflamado. O risco é pouco para tanta chama, haveria algo errado se você fosse atento, se você notasse a marca em profusão, mas você não nota.

Nem sombra da tatuadora curiosa. Sem ela, você nunca veria nada além da própria impetuosidade, o obtuso que parece corajoso.

A geléia poderia lembrar Marina e seus cabelos de frutas vermelhas, ou até mesmo seu machucado, Loki, a tatuagem no lugar do suicídio.

Que espécie de demônio você se tornou para ver os pares a sair por janelas? Quanto tempo passa até que você se dê conta de que já via Marina antes deles, que viu Clarinha, até os panacas da lojinha de mangás e as bonequinhas lânguidas?...

Por onde anda sua cabeça, húngaro? Você vê um ser escuso pela noite adentro e se queda a pensar na namorada infame, que te desconhece?

Correria perigo a eterna noiva do safado?

o raso e o profundo para Ludmila

Deitada sobre a cama inerte, a vítima repete o ato proibido, a única que não é culpada.

Sem corpo de delito, você só se abriu para o chuveiro intenso, depois que foi achada no asfalto pelo transeunte. Simpático, o rapaz solícito por pouco chegava a tempo de salvar a vítima do assalto. Só te pôs de pé, pronta para chegar em casa atrasada.

Só te resta contar as horas como seus relógios.

Mas quem seria ele, não o quase herói, o bandido?

Mesmo quando te pegava à força, Loki nunca foi assim. Faltava a afetividade que o estuprador te deu de sobra?

Por que você fugia antes da polícia do que dele, voltando para casa a pé, feito sonâmbula?

O ataque da fera, o abraço. O cabelo puxado para trás, com violência, enquanto você perdia um dos sapatos. O cabelo cacheado escuro, feito árabe, dois tapas com a mão aberta pela face, como se te torturasse numa cela escura.

Dois assombros feitos em há's, o susto. O choro convulsivo mudo, a mão do criminoso nos seus lábios como beijo, se você abrir a boca ele te mata.

Levanta a saia com a força bruta, mostra a bunda feito vaca, Ludmila, sua puta!

Você não viu o rosto dele, nem precisaria. O membro gigantesco qual coluna de mesquita; te penetrará a seco, esse caralho imenso; apertara retensa, sua boceta seca, o lábio seco como ameixa seca.

O susto, Ludmila, a duração do mundo, você viu pela primeira vez o que já leu nos livros.

O tempo dos relógios pára, cada cuco a bicar seu corpo em um pedaço, milhões de cucos pelo espaço cósmico.

Quase foi afago, Ludmila.

Pensa sobre isso enquanto fica em casa.

qual é mais violento, futebol ou narcotráfico?

Francisco já partia para cima dos atletas quando viu a mocinha de cabelo preto com os dedos cruzados, os cabelos lisos, o sorriso franco.

Será que ela gosta?

Essa menina nova te lembrou a neta do escritor maldito.

Francisco estendeu a mão à moça, perguntou se ela gostaria de fumar um baseado.

Lá fora, o transito parado.

Em polvorosa, a polícia fora atropelada pelo pânico, levada como água pela ribanceira na enxurrada abaixo. Como se implodisse o prédio da escola, seus tripulantes abandonaram o navio feito ratos, caindo pela escadaria como palhaços de circo.

Deram com a farda aberta, a espingarda apontada em direção errática.

A população, vista de cima, parecia a pororoca infame. Falta pouco para dar risada da desgraça alheia.

o cheiro do fumo se espalhou tranqüilizante

Francisco chutou o saco do moleque incauto. Um morto, um desmaiado, outro chutado no saco, dobrado sobre si em posição fetal.

Acendeu a bomba em plena sala de aula, após tomar medidas contra a indisciplina.

Francisco chutou o menino para se vingar do próprio passado, para se desferrar do presente, por nada.

Vai demorar algumas horas até que a população imensa esvazie o prédio do colégio. Sem aviso prévio, o professor pode explodir a bomba a qualquer instante.

A mocinha deu uma voz à frente para pedir um trago. Um trago só para si, em meio à classe.

Francisco acabou de encontrar a ajudante do demônio

o poder corrompe?

Demorou, mas caiu a ficha – Loki vê o que ninguém vê.

Ao olhar para a tatuagem, ela se mostrou para você olhar. Alguma coisa na tinta, alguma informação genética catalisada pela reação em cadeia sob os efeitos da maconha e da cocaína, algum mistério.

Sua mente obscena está sendo transformada.

Quem saberá a resposta? A moça bonita, que te pôs a marca, ou o rapaz simpático, que soltou as feras?

A resposta dela, Loki, só na quarta-feira; você tem tempo para mais uma noite na espreita.

repetir para se acostumar

Nem sequer o rádio havia sido ligado naqueles dias. Apenas a música contemporânea da cidade grande entrou pelas janelas quando abertas.

Durante a noite, o medo assombrava Daniel com menos cuidado.

Logo sábado, para infernizar você.

Nada é simbólico no mundo de Daniel. Parece menos tolo dividir o espaço que dividir o tempo, mas não é. O problema está, antes de tudo, na aritmética. Uma vez aplicada à música ou à geometria, o erro permanece refletivo no objeto olhado. Podem ser os planetas e as estrelas fixas esse objeto; não pode ser dia de Saturno o dia em que você abriu a fenda entre este mundo e outro.

Que fenda é essa, Daniel, que papo é esse?

Tudo não passou de fruto da sua imaginação. Você quase não come, você quase não fuma, há quanto tempo você não faz sexo, Daniel, com formosura?

Agarrado ao violoncelo de pau duro, o músico permanece tenso.

Por que você não toca alguma coisa?

Esqueça a metafísica da música, a sua concretude assustadora. A ciência do tempo deve ser pensada com mais calma.

Os dias se passaram, você se assemelha à vizinha maluca, do andar de cima, que nunca reclama. Durante o transe místico de Daniel, enquanto preferiu estar em casa, pode prestar atenção se havia vida acima dele.

Havia. O ouvido apurado em tantos harmônicos, como Stravinsky, não demorou a notar os passos, à beira do silêncio, dos pés descalços, da dona do andar de cima, sobre o chão de tacos e tapetes.

Batiam plenos no chão, como percussão, pés de mulher. Não era passo de marcha, mas de balé moderno, grave sob o peso do corpo, no soco do calcanhar, no slap com as pontas dos dedos. O timbre limpo no taco de madeira, o timbre escuso sobre o tapete, a irregularidade do ritmo em dispersão, música só de percussão e timbre, harmonizada pelas horas de estudo do músico ocupado.

Estudar os passos da bailarina anônima.

A fome, a impressão, a fenda fizeram de Daniel o homem que ele é agora.

Guiado por Clarinha, sem saber por onde, o mestre arriscou o arco no terceiro dia.

enquanto isso

O coração do bárbaro pulou dentro do peito.

O holofote móvel no retrovisor da viatura espantara a criatura horrível. Acontece que a polícia viu você esperneando na calçada.

Mão na cabeça, húngaro, ainda bem que você carrega a papelada.

Como se diz, em Português, “escorreguei”?

Você caiu, Loki, basta isso.

Quando as pessoas foram dormir, ele voltou ao lugar do fato. Voltou ao local do crime, esperou para pular o muro.

Atrás do tronco largo da árvore do pátio externo do edifício certo, Loki deu-se a entender à criatura.

– Você acha que pode vencer só porque pode me ver?

Ela fala, com voz de homem; pior para você, o inimigo homem.

É pior se pode vê-la, aproximar-se impávida. O húngaro arrisca a capoeira, mas toma um soco na cara.

Quando você pisou no gramado, qualquer ladrão faria isso.

A noite ficará escura sob as árvores cheias de galhos e de folhas. Um ipê roxo e outro amarelo, escuros no jardim noturno, em baixo de todos os andares da janela dela, um a menos da janela dele.

Um jardim esquecido pela multidão diversa da cidade grande.

Nele, Loki viu a criatura.

Sem face, incorreta, como descrever aquela sombra estranha?

a bobina de Tesla

Ainda a pouco, no subsolo, se esqueceu de contar as estações do metrô. Ao calor do Sol nascente, vindo do lugar oposto para onde ia, por pouco não desabrochariam as flores azuis e roxas pelo braço esquerdo, a alegrar a face virada da Lua, inspirada numa modelo famosa, cada cacho do cabelo dela de uma cor exótica.

A rosa de pedra na mão esquerda recebia os primeiros raios ultravioletas da manhã, do cinza ao verde, a mesma cor do cavaleiro verde, o cavaleiro negro. Marina não perdoou as calças justas, justas nas plantações rasteiras pelos tornozelos, úmidas para a água viva.

No osso de cada tornozelo um olho, para cada pé uma tribo; Marina fez assim para ver por onde ia, ao cair da tarde, como precisaria hoje.

Não perdoou a camiseta curta, colada nos detalhes do colo, canteiro em que a ave imensa desenhada sobre o peito voa; sobrevoa o coração, a garça morde com o bico vermelho o órgão dos sentidos; na dobradura da asa, um mamilo para cada asa no peito de Marina. Voava quando respirava exausta, voa mesmo quando fica calma.

Chegou mais indecente do que sempre na casa da velha.

Hoje, queria aparecer bonita, trazer na sua fantasia estrema um pouco de Marina.

Queria, pois, parecer estranha à pessoa errada.

Nem notou o desrespeito caro: dessa vez, foi trabalhar com as unhas pintadas com esmalte raro, o salário baixo da velha colocado em xeque pelas unhas roxas.

A vilã da peça está desconfiada. Seria aquela moça diferente da de sempre? O viés difuso do queixo levantado acima da linha do pescoço, tatuada como na cadeia, nunca veio tão listrada como agora.

Um pouco de Marina foi suficiente para encanar a velha.

Um pouco mais de atrevimento. Dessa vez, ao dar a volta pela casa, ela riu do espaço vago da garagem?

Dois pneus furados, uma caixa de azulejos quebrados, uma enxada.

Marina penetrou no banheiro curto. Puxou a descarga sem precisar, só para amolar a velha, para lhe gastar a água.

Quando deu por si, havia tirado as roupas e as sandálias. O chão frio, fazia tempo não recebia luz vinda de fora. De dentro, a lâmpada queimada no cordão de luz, nunca. Controvertida, Marina havia recebido luz para se ver bonita, a natureza crua negada pelas tatuagens.

A roupa de trabalho? Um vestido rosa, próximo da invisibilidade. Rosa como a cor da pele antes das tatuagens, justo na cintura ao número do corpo, colado ao redor dos

seios, decotado em vale pelos seios, frente única ao redor da nuca, dedos acima dos joelhos.

Permaneceu descalça, a hidra apareceu para assustar a velha. Um bicho de sete cabeças, como a hidra de Lerna: cada cabeça, uma cobra da floresta brasileira nas costas de Marina.

A velha está apavorada, vigiará você com atenção, sua primeira vez dessa maneira.

O que veio de você dessa maneira está escrito na página do livro – sua atitude de garça, seu susto. A simulação começou errada desde cedo, na clorofila estimulada ao redor do Sol, as flores tatuadas abrindo como se fosse a primavera.

A velha não saberia explicar o estranhamento. Talvez, esteja pálida porque, apesar de ter Marina por semana, sem falta – por culpa da moça, não por culpa da velha – ainda não havia entendido o quanto seria bonita e plena, como agora. Assustou-se com a beleza, com a possibilidade dela se dar como se dava nela.

Sofisticada, elegante, o corpo alinhado no vestido rosa, a miopia literária da velha.

Deletéria, viu o nada ser negado pela bunda dela. Avarenta, bebeu de graça a moça seminua.

Ficou na sala, a televisão ligada, velando por ela.

Deslumbrantes as cores, a moça, a vida breve da imagem vista com clareza na retina turva. As manchas viraram cores, as cores, formas, as formas, pinturas fantásticas. Foi a primeira vez que viu a água viva, a flora, uma carpa diferente em cada coxa, a cruz sobre o joelho.

Na parte da manhã, o porão. A velha ficou vendo televisão na frente da escada. A luz amarela, outro cordão, poucos watts para economizar a força. A vassoura, Marina

feito bruxa, a vassoura feito consolo. A escrava rebelde surgiu em pleno porão.

Cobriu-se de pó, a poeira em flocos entre os dedos dos pés. O pó escuro passava dos entulhos da velha para Marina, em manchas aqui e ali, nas mãos, nos braços, nas coxas, nas solas dos pés, principalmente; nos cabelos, quando levantava no espanador de penas.

Ao meio dia, o Sol a pino, lavará o quintal a céu aberto. Banhada em água, lavava-se junto, o vestido úmido cola. Da janela tímida e emperrada, a velha foi incendiada nos faróis acesos, os bicos duros dos peitos empinados.

Molhada, o vestido rosa deixou à mostra os pêlos pubianos sombreados, o tufo fofo molhado. A fonte da juventude eterna na mangueira verde, cor de mato.

Secou na evaporação, justificada pelas leis da física e sabão em pó.

Na hora da comida, encontrou arenga. Um pouco de arroz com feijão e um ovo frito, grudado na panela para economizar o óleo.

Durante a tarde, à revelia da sesta, do depois do almoço, chegou a hora da casa, a parte de dentro, os quartos do andar de cima, a sala.

Estava pronta para se sujar de novo. Havia cheiros de comida no quarto da velha, restos de bolo duro, pão-de-ló azedo, copos com restinho de leite decantado na parte de baixo. Metáfora da velha, esse quarto.

Na estante, só o rádio, alguns bibelôs macabros: um pato de chapéu e trouxa; um lorde meio fresco, de tricorno e salto; uma bailarina sentada, a saia rodada tampava o porta-jóias, serrava a bailarina ao meio com a tampa aberta. Entre outros, o vazio, debaixo da bunda da bailarina trágica por ali, juntando pó.

Arrumou a cama sem trocar o lençol amarelo, a colcha triste, o travesseiro de penas. O banheiro cheio de tranqueiras, leite de rosas, uma bucha imensa, um montão de grampos de cabelo. O cesto de lixo, os dejetos da velha desde terça feira.

Uma vez, a velha criou forças para subir a escada e verificar.

Encontrou Marina estabanada, dando a geral no outro quarto, a porta para as dimensões do nada. Os tacos despregando debaixo, em plena poeira, um quarto inteiro para a tábua de passar e a penteadeira.

No meio da inutilidade, a idéia passou pela cabeça. Admirando o quintal deserto, as árvores da rua antes da poda, os tons do verde, da altura do sobrado ou mais. O Sol seria a margarida imensa. No banheiro dela, o de fora, havia um desvario guardado no bolso da calça.

Sua indisciplina doce, só para ela, pois a velha não se dava conta. Veio consigo, no bolso da calça, a ponta do cigarro de maconha. Hoje, seria um dia de primeiras vezes pela quinta-feira mesma.

Desceu depois de admirar os limites da cidade e limpar a janela.

Limparia a sala depois de ir ao banheiro escuro e se distrair. Fumou escondida só por diversão, a marofa como incenso na capela, o perfume leve em torno de Marina. Furtou a caixa de fósforos do fogão, acendeu a vela.

Fumou tudo, até queimar os dedos na ponta, Marina chinesa e golpes de kung fu.

Agitou a ponta no ar, a vespa apagou no vento. Sumiu no ar em cinzas, como a bailarina de papel e chumbo.

Fumou até o fim, mesmo quando já estava louca, esbanjando fumo e fumaça.

O quintal surgiu entre a casa e os cômodos dos fundos. Havia começado no banheiro opaco e se expandia anômalo sob a luz, rumo ao fim da tarde.

Atrasada na limpeza dura, Marina suja de poeira cinza, dançarina frouxa no quintal inédito.

Escombros de algum lugar entre o banheiro escuro e o quarto inútil, o cimento antigo e alguns buracos, a folhagem crescia feia e vil. O muro caiado sujo, o chão sujo, Marina em pleno Oz pela floresta de esmeraldas.

Viajou no espaço aberto, no quintal murado, a astronauta impura.

Como se em meio a guerra, bombas e morteiros caíssem, fazendo estrago e ruína, a erva daninha cresce, a beleza intensa vence, assim era a pálida moça no deserto.

Marina, na casa da velha sempre na brisa, desconhece a casa quando está chapada. Outra casa, outras tarefas... Outra velha? A cabecinha branca e a cabeçorra grande.

Quase caiu, desequilibradamente perturbada. Sorriu, a boca, V, a língua, traço, o símbolo da terra. Passou pelo filtro de barro da cozinha com a boca seca.

Galinha, penetrou na sala sem limpar os pés, espanador em punho, a força de trabalho pronta para virar prazer.

Havia o aparato estranho como enfeite – o impossível no seio do provável, o brilho no lugar do tosco, algo em potencial, mesmo desligado. Marina levantou mais pó do que limpava, sujou os tapetes antigos com os pés sujos.

A velha em polvorosa.

De que modo a coisa apareceu? De onde veio a luminária curiosa? O globo de vidro transparente, a base preta, a torre de metal encimada pela bola de metal, a bobina. 0 e 1, não discretamente, mas contínuo em como controlar a energia elétrica. Um aparato inútil, lúdico, fora de contexto.

Marina apertou o botão, colocou no máximo. A luz cor de rosa invadiu o interior da bola, entre as paredes de vidro e o centro metálico.

A velha boquiaberta; talvez fosse a primeira vez do aparato em luz elétrica, perdera a virgindade com os dedos de Marina. Ela sorria para o brinquedo novo, estranho, divertido.

A distração da moça, o espanador contrário ao vento, a mão delicada e leve, a bobina de Tesla em atividade. Marina espanou a esfera e a esfera foi ao chão em mil pedaços, desperdiçando energia elétrica.

A velha surtou. Foi para cima dela sem o senso do perigo. Pegou Marina no pulo, velha covarde.

Espumou qual cachorro louco, esbravejou as pragas do Egito, as ofensas de seu tempo antigo frente ao aparelho novo.

Colocou Marina para fora de casa; Marina se encontra no meio da rua quase nua no vestido justo. Descalça, a saia do vestido curta, o decote do vestido tênue, só o vestido quase pele sobre o corpo fino.

o gênio da garrafa

Ludmila passou dias em sua confissão profunda.

Uma semana sem ir à relojoaria, uma semana de atraso com o tempo dos clientes. Parece, na hora do estupro, que todos os cucos despertaram juntos, cantando, mecânica e pontualmente, o fato irônico.

Custa a acreditar: uma das garrafas de plástico de sua coleção é cheia de purpurina, aquela que tem a base

redonda, vai afinando até o gargalo. Uma garrafa comum, Ludmila alterou sua função e lhe deu inutilidade.

Deitada no sofá, nem sabia que assistia a Hi Hi Puff Amy & Yumi Show. Pela quinta vez consecutiva, só no dia de hoje, Ludmila movimentava o mundo em torno de um palmo abaixo do umbigo.

Não havia rosto para se inspirar, mas havia tema. Cheia de bobagens, era a primeira vez que recebia algo novo, como o Espírito Santo.

Um vulto esfregara as mãos em Ludmila para fazer nela surgir a idéia torta, marcada na boca semi-aberta, constrangida e torta do lado esquerdo – sinal de dúvida, sinal de certeza. Seu sorriso frouxo entre as mãos ardentes, pela quinta vez, tão furiosa.

Um herói acobertado pela violência da curra, dividido em cada dedo entre os toques de luxúria, como se Moisés e o Faraó fossem amigos.

Sem o rosto dele, apenas odores e tratos, Ludmila e a memória da pele acumulavam dois atores, ou melhor, ator e atriz, o estuprador e ela, somente ela.

maLoki

Dona de suas posses, Marina admirava o cair da noite através da janela aberta. Acendeu o beque, observou o movimento da Rua dos Pinheiros.

Hoje é sexta feira, dia de janela aberta. Vestida apenas da cintura para cima, quem imaginaria Marina assim, des preocupada? Loki não imaginaria.

Quase na mesma hora da semana passada, ele voltou.

Se pensara nele com cuidado, até com carinho, divide agora Loki com a tarde, com a noite, com ontem.

Não percebeu sua chegada, primeiro sintoma de dispersão; só olhou para baixo quando ouviu a campainha, segundo sinal de que ia levada nas nuvens azuis claras pelo azul escuro.

Um lado da boca sorriu, outro pensou duas vezes antes de abrir a porta. Acenou a Loki para que esperasse, vestiu shortinho curtíssimo, cavado como decote inverso, meteu os pés nas sandálias.

Ia bancar a sardônica, a cínica, a sedutora, recuou quando viu o húngaro na careação: muito mais bonito, muito mais nefasto. De olhos fundos, largos, convictos; Loki de olhos vermelhos, chapado, corajoso, covarde.

Admirada, viu outros sentidos no jogo além do namoro escondido.

Loki entrou calado.

Um minuto de silêncio para Loki e Marina.

Um tempo externo ao romance para dar verdade ao fato.

Vamos subir, ambos os dois; ele foi na frente hoje, ela viu a bunda dele; bunda de escoteiro na bermuda cor de caramelo, cor de areia do deserto; Loki na legião estrangeira, Marina justificada no shortinho camuflado de verdes.

Ela cansada da andança ontem; ele intrigado, perturbação com o inimigo irado do jardim terrestre.

– Eu preciso de outra tatuagem – pediu enrolado nas voltas do Português.

o dicionário de demônios

Ambos divisaram o livro na estante. Loki fixou-se no conteúdo; Marina o tinha só por precaução.

Ávido, procurou em vão pela face do inimigo, como se fosse fichado na polícia. Encontrou ilustrações e rabiscos.

Pragmática, Marina se pôs a preparar o nanquim preto, escolher as agulhas descartáveis, preparar a mesa.

– Você demorou – quase dizia, entre a declaração e a dúvida; mesmo se dissesse, não adiantaria, entretido como estava o húngaro em meio aos demônios do livro. Se olhasse mais de perto, cairia sobre eles nos infernos.

Demorou para se recuperar da surra e da batida. Demorou para buscar no pulso a resposta certa, a revelação do elemento tópico capaz de espelhar o primeiro poder: ver sem ser visto.

– Faz uma coisa – disse Marina – larga esse livro, dá uma andadinha para mim, quero ver se você rebola.

Loki obedeceu. Perdido através das gravuras, obedeceu, deu por si de encontro à porta. Voltou-se para a moça, sorriu. Ela sorriu de volta, você está mancando da perna direita.

Loki descobriu-se coxo. Distraída com a bunda dele na escada, a ficha caiu agora, no meio da troça. Marina gostava de homens coxos, mancar para seu prazer. Gostava de cegos também, ir além da visão, guiar-se pelo odor.

Defronte ao espelho do atelier, o moço fez a pose gay, mostrou a perna peluda levantando a bermuda ocre. A panturrilha da outra perna contraiu-se forte, Marina escolheu o lugar da tatuagem para disfarçar o toque.

A coxa, Loki, do lado de fora, para consertar suas mancadas.

o arco e a corda

Daniel, sob as pegadas da moça descalça do andar de cima, arriscou o arco e a melodia apareceu através do ritmo. A nota nem terminara de soar – a bem da verdade, não terminaria nunca – o canto do quarto foi transtornado pela distorção.

O músico saltou como coelho, o instrumento caiu no chão como corpo morto, último suspiro da caixa de ressonância. As cordas do violoncelo, a percussão, mi lá ré sol, mas depois, todas. A distorção fez da parte a confirmação do todo.

Daniel não pode ouvir, cobriu os ouvidos com as mãos para não enlouquecer de vez.

Não ouviu, mas viu, bem no canto do quarto, o espectro de Erik Satie, vestido de veludo verde.

Daniel fala com os demônios

Silêncio total, como na quinta dimensão.

Não se preocupe, só me pareço com ele. Se quiser, posso te mostrar Weber ou Varèse.

Antropomorfizado para te acalmar, preciso que você continue tocando.

Vou te contar um mito fundador da música.

Coro é coletivo de anjos. O coro regido por Deus, como no canto II d'O *paraíso perdido*. Nem harmonia, nem melodia, nem ritmo... Só continuidade, nada de música. Enfim, um anjo propõe o desacordo.

E se o regente ordenasse que os demais coristas acompanhassem o canto novo?

Vou tentar você com um presente.

Satie mostrou o piano, abriu telecineticamente a tampa do teclado. Retemperou as cordas, multiplicou os martelos, redividiu os intervalos, fez o teclado cor de cinza.

O piano novo para uma música nova.

o seu filho não?

Francisco divisou o horizonte no alto do colégio.

As autoridades sabiam apenas que o terrorista louco cometia um seqüestro contra a classe média. O retrato do professor maldito estava na Internet e nas redes de televisão.

Mal o horário da primeira aula terminava, já havia um morto, dois feridos com gravidade, um correndo risco de vida iminente no parapeito da janela – o pobre vigia transpirava apesar do vento fresco de encontro ao rosto pálido. O atleta chutado do saco gemia sua dor como se fosse um gol.

É coisa de adolescente, seu filho faz isso: anda no parapeito das janelas, atea fogo nas cortinas, machuca quem consegue durante o futebol. Da última vez, após ouvir pela última vez quantos anos seus colegas trabalham naquele lugar, viu o outro professor de gramática ser cutucado pelos alunos ao longo do corredor, como no corredor polonês, baseado na humilhação.

Agora, em plena liberdade de cátedra, impunha o devido respeito, cobrado em forma de dívida.

Francisco fumou a bomba. O homem bomba fumando dinamite, um erro e ele bota fogo na roupa. Um ponto para o admirador incauto, as pernas da mocinha louca entre as meias e a saia quatro dedos acima do joelho. Os limites da

indecência burlados pela imaginação teimosa, a mulçumana ardente sob o manto, a crente cabeluda, a carmelita descalça.

Sapato de boneca cara, meia de goleiro preta, a perna branca intercalada pela saia preta.

Francisco pensava que se da primeira vez o filho veio como quis o pai, como seria se viesse como quisesse?

Acho que viria como mulher. Os cílios e o rímel preto, o lápis roxo e as pálpebras, a mocinha salva e a resposta certa.

Marina na noite dos sentidos

Deu graças a Deus quando Loki pagou a conta e saiu.

Queria pensar sozinha. Marina voltará?

O globo luminoso em mil pedaços, a Lua imensa sobre a cidade de São Paulo bem no meio do céu e da semana.

Quando deu por si, no meio da rua e da pala, fustigada pela ira insana da velha, levou as mãos aos bolsos, não havia bolsos. A rua quase deserta, como no cinema; a velha não abria mais a porta, pelo menos hoje, como a formiga.

O asfalto mormo lembrava a Marina sua situação. Pernas e pés, braços e mãos descobertos; os mamilos duros, o tufo de pelos pubianos; as curvas do corpo coladas nas do vestido rosa; ela rosa de vergonha e riso.

Cobriu-se com as mãos, os seios e o púbis, como se estivesse nua. Suja das poeiras da velha, seus ares viciados, a poeira dos anos, Marina suja e descalça na rua parecia mendiga; chapada, seria a doida da rua.

Recuou, como se devesse esconder a bunda, visível e dura sob o pano. Delicioso recuo, pé ante pé em movimento

oposto, não via os seixos miúdos, saltava, pega no pulo. Deu com as costas no muro que ficava em frente à casa da velha, sentiu o cimento áspero nas costas, sentiu a bunda formosa sob a saia de encontro ao muro.

Ainda bem que a noite caía, noite para te esconder, tão indecente se estivesse só descalça, os cabelos presos a mostrar a nuca.

Se voltasse pelo caminho de ida, provavelmente chegaria intacta? Voltou-se, seguiu nas sombras. O azul claro escureceu, a Lua prateada no céu.

Mesmo no escuro, quem cruzava seu caminho não sabia como não admirar a moça, o *freak show*, a cigana tatuada e bela que fugiu do circo.

Marina atravessou a cidade de ponta a ponta, Leste a Oeste, contrária ao percurso do Sol e dos ponteiros do relógio. Experiência de vida singular, ainda bem que estava chapada para sentir melhor a luz noturna, a Lua clara, o vento, a admiração, as oscilações das ruas no inusitado tato dado aos pés.

Sem parada, manteve a continuidade do trajeto como sonâmbula, extasiada consigo mesma, quase apaixonada. As pernas em atividade, o vento, as coxas. Marina e o beijo reflexivo, a vertigem no paradoxo do brilho permanente, a analogia entre o corpo inteiro e as solas dos pés, como acupuntura.

Atravessou a Radial Leste, a fada do Leste, atravessou assim o centro até a Praça Roosevelt, seguiu pela Rua da Consolação, a Avenida Rebouças, foi dar na Rua dos Pinheiros em plena casa.

Chegou em tempo; o céu ficava cor de rosa, como seu vestido ao nascer do dia; exausta e satisfeita no sofá da sala de espera, no andar de baixo. Dormiu de bruços, no vôo rasante do Dragão chinês tatuado nas costas.

horas marcadas

Ludmila, a relojoaria a portas fechadas, o tempo da recuperação? O tempo do serviço atrasado.

Uma semana a portas fechadas e a idéia fixa, como relógio parado. No mar das dúvidas da mulher dúvida, o ponto branco da certeza impura? Chegou na loja como se fosse ladra, antes do Sol e do movimento. Entrou para permanecer fechada em pleno sábado, atenta ao trabalho de acertar as horas.

No fundo, longe das vitrines e da persiana da porta, o mais longe possível da entrada da casa. Intimamente preservada, o mágico por trás da mesa preparada e da alucinação.

O copo d'água, os minúsculos alicates, chaves, molas, ponteiros sobre a mesa branca, sob a luz fria e branca. Ludmila, o ofício, o interrogatório sobre si.

Abriu o relógio de bolso antigo, jóia rara, de um lado “eu te amo”, do outro, quebrado. Aberta a tampa, o tempo escapou em forma de pássaro maluco, o corpo de ampulheta, as asas de gaivota, pernas de seriema, pescoço e bico engraçados.

alguns pontos para Ludmila

Quando tirou a camisa de mangas compridas.

Desabotoou as calças apertadas na cintura, tirou os sapatos, as meias tirou cada uma com a mão mais próxima, a mão do mesmo lado.

Esparramou-se na cadeira, feito lesma, observou os mamilos morenos, duas framboesas duras. Soltou os cabelos pretos, cachos de uvas pretas para Ludmila.

Debruçou-se sobre o relógio quebrado, na intenção de concertá-lo logo. Exata, retirou a tampa, desmontou as molas, desparafusava minuciosamente o artefato.

A cirurgiã das horas vagas quer fazer retroceder as eras? A era anterior, de Ludmila uma semana atrás? Mas e o presente dado, como fica? Dois traumas no ruído da dúvida, o estupro e o prazer sem sombra de dúvida.

A dúvida e a dívida; a ferramenta escapou na hora exata de cortar seu dedo e fazer estrago.

a reconciliação com os antigos

Daniel não ousava sequer se aproximar do piano dado de presente, transformado pelo espectro desumanizado.

Abraçado ao violoncelo, oscilava entre a nota, sua oitava, sua quinta. Desesperado, trabalhava em vão: uma nota guarda todas as notas; você só está mantendo o timbre, faz o esforço imenso para repetir as mesmas intensidade e duração.

Não deu certo, o piano novo não passa de avanço técnico, mais alguns anos, seria feito pelo homem. O violoncelo, tecnicamente falando, é menos que tacape em suas mãos, porrete para o macaco músico.

É como ativar a bomba atômica, tentar reproduzir o Cristo pelo sangue do sudário, ressuscitar os dinossauros para destruir sua cidade imensa.

Daniel abriu a tampa de madeira – a arcada cinza nos teclados, o ruído branco ao fundo, a música guardada no

armário. A cor está na alma, Daniel, o teclado não passa de partitura.

o dedo do relojoeiro

O dedo do relojoeiro é como o dedo do pianista, o dedo do dentista... O dedo das lésbicas.

Ludmila chupava o pirulito colorido guardado para sobremesa. O pirulito como sobremesa.

Segurava o doce com a mão esquerda, entre o polegar e o indicador e o dedo médio enfaixado, pulsando em reação. A dor grave, oscilava com leveza entre os médios e os graves, dor de barítono.

Só comeu o açúcar, a torta de carne permaneceu fóssil entre a faca e o garfo.

Ludmila entre o doce e a faca, a língua açucarada e o dedo, a gaze e o esparadrapo.

Libertou o corte do sufoco, deu ares à imaginação. Cruzou as pernas nuas sobre a cadeira, como faquir, fez suspender a camiseta branca. Ludmila deu aos ares da cozinha sua boceta peluda, o perfume doce. Parou alguns minutos sobre a carne em corte, a missa negra, a carne rubra.

Você tem a faca na mão e as coxas duras ao alcance dos dedos.

Devagar, Ludmila, o tempo certo para espreitar a dor.

Claríssima

Daniel atacou sem saber tocar. O dedo grosseiro do pianista antigo esbarrou em todas as alturas, timbres e

durações daquele campo de tempo. A ciência do tempo – começou no monocórdio, passa pelas suas mãos.

Um salto sobre o vento, dois pés caíram sobre o chão do andar de cima, um flam. A tempo voltou a parar. Daniel, como se tivesse fumado a tora imensa de maconha, sentiu a parada extensa; sentiu, no próximo passo – a lembrança dela – a moça escondida.

Clara sim, fumada, dançava silenciosamente. Mesmo descalça, a chuva fina sobre a poça d'água, desceu como descem as dançarinas de flamenco.

Sincronizada com os nervos da Daniel – nada como uma mulher escondida para um músico nervoso – Clara seria capaz de limitar a loucura do maestro *ouïrer*, ou, pelo menos, capaz de distraí-lo.

Mesmo inspirado por Satie, Daniel não deixava de ouvir as sirenes de Varèse, o clarinete de Holliger. As mãos no mesmo campo temporal, a esquerda na Grécia, a direita na América. Os harmônicos, não apenas três, como Stravinsky, mas todos. Entre eles, a dança alienada da vizinha doída.

Você poderia parar agora, se arrumar um pouco, cortar a barba lhe faria bem. Mas prefere permanecer frente ao lago cinza, a procurar por ela.

Uma dúvida: foi você ou Clara a liberar os demos? Três em um, como os primeiros harmônicos da nota; a cabeça de corvo, a de cão, ao meio, a de galo, três caras para dar vários conselhos.

a banalização do Cristo

O corpo de bombeiros. Viaturas da polícia militar. O helicóptero está chegando, flutuará como pena entre os

edifícios da Avenida Paulista. Os cordões de isolamento após o estouro dos alunos e professores, alguns pais aflitos nas rádios e televisões.

Francisco, nas nuvens, demorava os olhos sobre a paisagem urbana. O menino equilibrista ainda estava em cima do parapeito, cagado das pombas. Morto de medo, mal conseguia evitar as alturas quando se viu na mira do professor terrorista.

O menino tinha seus problemas, além de ser tratado pela orientadora educacional apenas pela primeira sílaba do nome, o vocativo Ma, tinha sua família: um pai, uma mãe, um investimento no futuro e no colégio caro. Atenção com o Ma, Francisco, cuidado com o emocional do garoto. A gramática e a literatura substituídas pela psicologia da educação, Francisco nem tinha filhos.

Colocou o suicida perante a morte, psicanalista perverso, o temor da puta (complemento nominal) na hora da foda. Francisco colocou o equilibrista para todo mundo ver, o mundo todo via satélite e fibra óptica. A imagem do garoto, os braços abertos em forma de cruz, seria arremessado como vítima e prefácio.

A estátua viva, a negação da vida. Não pularia, oscilaria entre o Céu e a Terra, entre si e o olhar macabro do carrasco ao lado. Francisco, a paisagem da janela, o aluno no parapeito da janela; os carros de polícia lá em baixo pareciam de brinquedo, a população, diagrama.

Notificava, em bandeira aberta, que o seqüestrador falava sério, agia sério, com convicção. Convenceria a platéia e as forças de resgate, o prédio da escola já havia sido evacuado. A escola é sua, o professor pirata, o professor pagão.

A cidade de São Paulo, o tédio, por pouco ansiaria pelo sinal que dava fim à primeira aula do matutino. Deixou que a campanha soasse, como se fosse cachorro. A

campanha que parece soar como relógio despertador, relógio para bomba-relógio, a hora da explosão, o susto.

As caras engraçadas conheceriam os extremos contrários do rigor e da misericórdia, o terror e o desleixo. A tese, a anti-tese, a barbárie. Romantizada, essa barbárie pode libertar o monstro, absolver o monstro anti-santificado.

Francisco a mil megatons, derrubaria as montanhas e furar o túnel, celebrar a ruína como cenário. Lá em baixo, acompanhou, como o que está no alto, os camburões do esquadrão antibombas, os rapazes com sismógrafos.

O homem bomba em seu triunfo, Francisco dinamite a rir do susto, do sinal da aula, do presságio. A premonição dos alunos débeis mentais, o professor paranormal, o mutante. O sinal passou, a segunda aula começa, a mesma matéria da aula passada. Quando o esquadrão estacionou em frente ao edifício espúrio, outro sinal se ouviu pelas calçadas: o de todos os sismógrafos no máximo perante o professor injusto.

triângulos isósceles

O Cérbero e o nefelin; Loki e sua perna manca.

O húngaro, de perna nova, rumou com a perna nova direto para o prédio onde Clarinha mora.

Ela, na sala, os computadores ligados, as televisões, os DVDs, somente o áudio do CD player. Clarinha ouvia Chopin, os estudos para piano: doze estudos *opus* 10, doze estudos *opus* 12, três novos estudos.

Parecia música moderna, depois da dança em contrário, o passo mudo e o impacto. Os anjos e os nefelins, o demônio tricéfalo também ouviu Clarinha passeando no andar de cima.

Largou o músico em transe, o demo como parte de sua composição rebelde, contrária às vontades do compositor, um trítano. Saiu sem fazer alarde, abrindo a porta da casa do professor de piano com educação, subiu as escadas rumo ao cheiro bom, a erva boa da bailarina nua.

Daniel temerá por sua vida, a vida dela, tão escondida, tão agradável a sua música. O demônio sensível, ao mesmo tempo músico e composição, saberia melhor do que Daniel o que dizer para uma mulher.

O Cérbero modificado encontrou o nefelin – o nefelin mercurial – a espiar Clarinha pelo buraco da fechadura. O galo cantou, o corvo cantou, o cão observou o nefelin curioso. Ele não ficou esperto por sua causa, mas por outra. O que faria o demônio sombra trocar Clarinha, virar a cara, olhar o lado oposto ao do cachorro bravo?

Loki, o demo sombra nefelin, o demo Cérbero. Quando rosnou, o nefelin voltou-se para ele, mostrou espanto. Pensará tê-lo sentido do lado de fora, não tão próximo; em frente ao portão, não no corredor. Dois Cérberos vindos do inferno?

os nomes e as coisas

Durante a idade média, a fim de despistar quem os perseguisse, os demônios escondiam-se em assinaturas estranhas, rabiscos engenhosos, na maioria das vezes, pequenos círculos ligados por linhas curvas, linhas curvas segmentadas por pequenas retas.

Loki encontrou a seguinte tabela nas páginas do dicionário:

Vepar	Ose	Purson	Gamygyn
Zagyn	Paimon	Sabnak	Glasyabolas
Naberuis	Phoenix	Salgeos	Orobas
Orias	Procel	Goap	Cusion

Escolheu a terceira linha da coluna um. Muitas curvas, bolinhas, segmentos retos, três bolinhas no que parecia ser a cabeça do rabisco.

Naberuis é também Cerberus, Cerebus, Kereberus, um dos 72 espíritos de Salomão. Aparece sob a forma de galo, de corvo, tem três cabeças, ensina a lógica e a retórica.

O nefelin, confuso, não sabia quem era quem: se Loki era, mas não parecia o demo; se o demo parecia, mas não era ele.

o segundo poder: a retórica e a lógica

Não se trata mais do mesmo Loki, Loki não é mais aquele menino bonzinho. Além de vê-los, dialogaria com eles. Invisível porque parecido, invisível porque diferente, não se sabe ao certo quando é, quando parece.

Não repetiu o ato, não pulou o muro do prédio de Clarinha, apenas ficou parado em frente à cerca, admirando as heras e as paredes. Nem sequer olhou na direção dos demos, apenas olhou para vê-los como se não os visse. Não os ignorava – não ignorava nada – tratava-os como quem não os trata.

O verdadeiro Cérbero – ? – e o nefelin, sombra de sombra.

Não haveria luta, nem chutes e pontapés, nem ousavam descer para saber quem.

Perderam-se fiscalizando Loki, que se perdia admirando Clara.

sobre Marina

A noite de segunda para terça-feira passaria quase em claro, entre a vigília confusa e o sono raso. Marina, como nas tentações das santas, fazia das tentações seu motivo.

Limpa, água de colônia fresca, doce como se fosse bebê. Lençol trocado hoje, Marina cismava com as terças e quintas. Sentiria falta delas, caso não voltassem mais; não aquelas, mas agora, depois da expulsão maluca, da viagem noturna de Marina pela cidade grande. A velha cruel, ela petulante, a tensão para fazer a curva, para sair em outra dimensão do cosmos. A mudança secreta nas coisas de Marina.

As mãos passeavam sobre o ventre como o pêndulo dos relógios, como o pêndulo e a lâmina a cair do teto, a esfriar sua cintura fina. Marina abriu-se em X, como se estivesse amarrada aos pés da cama, e meditou.

Saiu do banho enrolada na toalha vermelha – toalha vermelha com o retrato em branco e preto de Ernesto Che Guevara – não sabia o que vestir ainda. A geléia doce, o mel, o leite com chocolate para não ficar faminta; a bomba, o café para pensar melhor na vida cotidiana.

Não choveria. O calor debaixo dos cabelos molhados, as unhas pintadas, o armário. Lembrou-se de calças mais cumpridas, com as bocas largas; serviriam na cintura fina, quando as encontrasse.

Abotoou sob o umbigo, cortou pela metade a lira de doze cordas. Vestiu a camiseta justa, ficou em frente ao espelho, a ver se estava bonita.

Marina se foi.

Pegou o dinheiro justo para as passagens de ida, saiu de casa tatuada.

a musa e o músico

Daniel viu Daniel parado no reflexo do vidro da janela fechada; abriu as janelas para inspirar o ar da madrugada.

Comemorava o nascer do dia; com o nascer do Sol, ainda que em dias nublados, os demônios iam embora. Satie sumiu devagar, de onde olhava podia ver os outros três lá embaixo, os pescoços voltados para cima. Dali a pouco, de dois não se sabe, um deles pegou o primeiro ônibus e partiu.

Distraído, por pouco não caía, sentado de costas no parapeito a olhar para cima também. Foi assim que perdeu os dois de vista.

Ouviu quando resolveram descer, com seu ouvido de músico. Seriam seus vigias, os demônios de guarda, ou seu coro? Esperaram para segui-lo ou para seguir as ordens do maestro?

Quando Satie desapareceu no ar, como se fosse música, deu-se conta de que não se tratava dele – se não fitavam a Lua, fitavam Clara.

Antes do movimento trôpego na Nove de Julho, Daniel viu a Kombi branca, como se fosse ambulância antiga, parar em frente ao prédio. O motorista sorridente tocou o interfone, Daniel ouviu o interfone soar na casa da vizinha. Ária em adágio e pianíssimo, quase não ouviu direito.

Chegou na hora, carregando seus pacotes, o homem sorridente. As botinas soaram pelos corredores, Clarinha

abriu a porta contente, o sorriso amigo e as compras da quinzena, inclusive os 50 gramas quinzenais. Um quilo e duzentos gramas por ano, desde os dezesseis anos, Clarinha já havia fumado doze quilos de maconha em sua vida reclusa.

Daniel logo sentiria o perfume suave da erva junto da vontade imensa de falar com ela. Subiu como Moisés pelas escadas, bateu na porta.

Bateu na porta, a percussão no lugar da campainha. O ouvido extremo a sentir os passos de Clarinha mais perto, a voz atrás da maçaneta, quem é?

– Sou seu vizinho do andar de baixo.

A porta entreaberta, Daniel vê somente os dedos da mão entre a corrente de segurança e a porta de madeira.

– Desculpe, não quero sair daqui, você se incomoda de entrar?

Ficção ou realidade. Estaria Daniel ainda sob o efeito de forças demoníacas? O leve bater na porta já seria música suficiente para invocar o inferno? Haveria nos passos silenciosos da dona da casa alguma melodia?

Clarinha o recebia como convidado.

– Desculpe de novo, mas antes de entrar, você por acaso está limpo? Está doente?

Um enigma para Daniel, pego de surpresa. Não estava tão limpo assim, vinha cansado, mentiu.

– Você pode entrar, mas deixe os sapatos do lado de fora.

Parecia um truão, o músico estafado, de meias vermelhas, bermuda verde e camiseta branca, tudo bem largo para não apertar.

– Meu nome é Clara, você deve ser o Daniel.

O ar condicionado tornava o clima ameno, facilitava as coisas. Os cachos do maestro caíam descabelados ao redor do rosto bonito, a barba por fazer, um rabino louco. Telas

de computador ligadas, televisões ligadas sem volume, silêncio.

– Conheço todos os moradores daqui, professor de piano, adoro quando você toca, até mesmo quando dá aulas de música. Quer beber suco de laranja com cenoura? Acabei de fazer.

Daniel também aceitou o pão de forma com queijo e presunto, que ela preparou para dois. A saia de seda, a transparência a meia luz enquanto se dirigia à cozinha. Nem se dera ao trabalho de cobrir os seios, só a camiseta cavada; um lenço sobre os seios, suspenso por eles como nas tendas. A saia baixa, Daniel, o ventre de Clarinha ao redor do umbigo.

De perto, parecia mais silenciosa ao andar, passeando descalça pelo apartamento limpo; os pés tão limpos e finos, o hálux e o dedo médio do mesmo tamanho, os demais dedos pequenos, três companheiros.

Ouvia, porém, a eletricidade circulando pelas televisões e pelos computadores. O ruído baixo, lembrava o vento na praia. Clarinha notou a tendência ao vácuo da natureza, acionou o CD *player*.

Daniel empalideceu.

Parecia Clara na iminência de sair de casa, isso nunca mais.

É só uma música, maestro, Clarinha escolheu ouvir George Gershwin.

Quando a orquestra começou, pouco antes de entrar o piano, a mocinha virou-se para o pianista, exclamou contente:

– Não parece São Paulo?

música de câmara

Clarinha parecia o Cristo Redentor, braços abertos sobre a Guanabara, por cima de Daniel.

– Você precisa de um bom banho, maestro, água e amor – havia dito horas atrás.

De mero nome, registro na letra D no item vizinhos, Daniel tornava-se uma pessoa; Clarinha, como gaivota, circulava em torno do navio orquestra. A matemática da música, da dança, do acasalamento no andar da dama.

O semblante preocupado, o cenho franzido em cinco rugas, como nos pentagramas, uma nota dó em cada olho. Clarinha daria timbres àqueles traços vagos, tingiria o branco dos olhos de raias vermelhas, daria de fumar ao professor de música antes de transar com ele.

O desejo de falar com Clara emudeceu, o ouvido absoluto mostrou-se todo dela. Chapado, a mente tensa mergulhava em outras dimensões da música, naquela que se parece com uma mulher só sua, dos beijos dos sopros ao spanking dos percussionistas.

Clarinha apanhou Daniel pelos cabelos, como se já fosse dela, levou o menino genial para o banheiro rosa, a banheira rosa, as águas e as espumas, como no nascimento de Vênus e na significação de Maria. O pinto do músico endureceu na hora, baqueta de bumbo na mão da dançarina sonsa.

Clara cuidou de Daniel só naquele dia e aquela noite, o amor soando aos gritos pelo condomínio – urro de Leão na boca do profeta, a rola enorme na boca de Clarinha, a gula, a desfaçatez do gesto carinhoso.

as metamorfoses de Marina

Discreta, foi como Marina atravessou a cidade naquela manhã. O Sol ameno, o asfalto fresco, metrô e ônibus quase vazios. Motorizada pelos transportes públicos, a distância extrema se mostrava em sua dimensão diurna. Enquanto demorava para trocar de meios, a lentidão das ruas, a imaginação a presentificar o passado; Marina, chapada no banco do ônibus, recorda a viagem noturna, não via a hora de chegar no ponto para terminar a pé até a casa da velha.

No momento exato, fixado pela pontualidade, Marina tocou a campainha.

A casa errada? Uma mulher, quase como ela, abriria a porta no lugar da velha. Não a velha remoçada, mas outra pessoa. Diferente, uma mulher em outro momento da vida, em negação da morte.

O vestido escuro, cor de musgo, abre-se a cada passo na direção de Marina, quando desce até portão para recebê-la. As coxas, os ombros, uns braços, os cabelos para refletir o pouco Sol, que já iluminava. Os pés lindos, reparou Marina, nas sandálias ao rés do chão e no ar.

A trança negra, a pele morena, os lábios grossos a dizer “Bom dia”.

ornatus

Proteger alguém não basta. Loki iludiu dois demônios perigosos, descobria a tática da Odisséia enquanto admirava Clarinha, admirando Clarinha junto aos dois demônios perigosos.

As mãos nos bolsos da calça larga, o cigarro de tabaco misturado com maconha para enlouquecer aos poucos. Só voltaria lá para falar com ela. Contudo, longe da palavra retórica, feita para o engano, Loki precisaria agora da palavra poética, o melhor som depois do silêncio.

depois da lufada de ar

Arrumou a trança desfeita.

– Essa casa é minha faz tempo, tudo que pertence a ela é meu.

Falava como as crianças metidas, donas de si aos cinco anos de idade. Marina emudeceu. Nem estava radiante como da última vez, para se proteger; nem sabia do que se tratava. Encolheu como pôde os dedos dos pés nas bocas largas – boca de baleia – das calças, empinou os seios e o nariz.

A dona parecia atriz de cinema; saberia cantar, dançar, fazer coisas de circo. Aberto o portão, deixou que Marina a seguisse casa nova adentro.

– Acho que há um lugar no quintal para você se trocar – diria com ironia?

Ninguém viu nada de roupas, sacolas ou calçados deixados ali, da outra vez. Havia dúvidas no ar, que desarmavam Marina. Seria difícil arrumar a casa com aquelas calças, não trouxera consigo nada para trocar.. O incidente pertenceria também à dona da casa?

A própria quase não falava, laconicamente insinuada na retórica da confusão. Apenas olhava Marina dos pés aos cabelos, medindo e calculando; achava Marina bonita, o exame lúcido para fazer a troca. Sem explicações, sugeriu

que deixara muitos trapos para serem usados nas diversas soluções que daria para a casa nova.

Marina ainda não entendia, mas tomou o rumo dos quartinhos dos fundos. Despida, encontrou a saia e a camiseta velhas: saia indiana curta, desbotada, fora de moda; camiseta cavada branca, alguns números menor.

Marina era esperada pela moça, em pleno quintal desmantelado. Iríamos mudar algumas coisas a partir de hoje. Começa pelo porão, mas nada de tirar a poeira dos trates, é para colocar o entulho fora e deixar o porão vazio. Só depois que é para deixar o porão limpinho.

– Pode me chamar Micaela.

a marcação do tempo

Ludmila, dessa vez sem querer, cortara a perna esquerda na lâmina dupla do aparelho cor de rosa. Na hora do banho, em meio à espuma marrom do sabonete de chocolate – dava para comer esse sabonete – o sangue como cobertura de morango.

O vermelho sobre a pele morena, os cabelos presos no alto da cabeça para não molhar ficaram molhados, gotas de orvalho nos cachos miúdos. Parava para pensar durante os banhos, os sabonetes pareciam pedaços de bolos.

Com o de menta, Ludmila se imaginava chupando balas.

A mão nos lábios para não gritar, o piso de borracha cheirando a limpeza, o perfume artificial de flores brancas na lembrança, contra o perfume de nozes e chocolate. Fora de hora e de controle, a ferida nova inflamará à revelia, encontrará os antiinflamatórios, o corpo ocupado em cicatrizações antigas.

A dor quase artesanal de quem se corta.

Ludmila passava as horas vagas a examinar a pele como arqueólogo, a informação antiga a mostrar-se nova, a tela do parecer. Os ossos e o demônio arcaico, a túnica de pele e os rasgos na túnica. Entre os cortes científicos, a profanação do templo, o estupro, Ludmila foi tomada de assalto. Tomar o céu de assalto, o estuprador já não é mais nada, apenas o primeiro degrau, que já sumira.

Um rito primitivo, um grito de liberdade aguda e Ludmila não seria cabra da montanha, não seria lontra no harém, não seria inseto. Seria rosa, a folha amarelada que será cortada antes de cair inútil?

A tigresa morena, listrada de vermelho, cada marca é uma entrada e uma bandeira para Ludmila.

vento solar

Francisco pode estar inaugurando o século XXI.

Há sempre um tom de vingança nessas inaugurações: cair matando sobre prostitutas, tomar com explosivos um colégio inteiro.

Um leve eco da bomba sobre Hiroshima, uma forma de terror sagrado a sobrevoar o terrorismo solitário do terceiro mundo.

No dia de sua contratação, o diretor do colégio mostrou a ele o telefone branco, o mesmo usado para saber das dinamites. Afirmou que professores de História, Geografia e Literatura causavam problemas – pais no telefone branco a falar com ele – mas os de Gramática, não; mesmo assim, precisava esclarecer.

Francisco e o ciclope pálido, a luta do Marquês de Sade contra os *Exercícios espirituais*, de Santo Inácio de Loyola, as paixões criminosas e as assassinas.

De madrugada, cogitou levar alguns apetrechos de cirurgião além das armas e da dinamite. Imaginou pegar aquele paspalho, o incendiário das cortinas e papéis higiênicos, ver aquele paspalho em chamas. Sentiu o cheiro de querosene e o fósforo, como Lúcifer, a iluminar a manhã sombria. Chutaria, como de fato chutou, vários deles, principalmente os atletas, os do time de futebol, a turma do handball. Ira currar os *nerds*, estuprar, confundir.

Francisco após o sinal, feito cachorro, perderia a vontade, condicionado?

O sorriso santo, o professor bonito, o terrorista alheio.

o canto das vogais

Dessa vez, quem esperou foi o húngaro.

Esperou ouvindo gemidos e sussurros no andar de cima, todo debilóide.

Duas meninas no andar de cima, Marina e outra menina. Tatuar uma *pin-up* inspirada em Betty Page, no ombro, como se fosse um menino.

Loki se põe a percorrer a biblioteca de Marina na estante de ferro, montada a parafusos. Faltam parafusos, por isso percorrerá os livros com olhar pasmado. Pasmado até encontrar o livro desbragado de Edgard Braga.

Tatuagens poemas; em meio à série de 16, o canto das vogais; antes de dedos d'ados, depois de ser ver, perto do vocábulo.

embargada

Marina tinha o dom de descobrir a sexualidade das pessoas. Alguns prevêem o futuro, uns sabem seu signo ou seu orixá, Marina sabia qual é a sua.

Não procurou dissuadir a moça forte, que entrou no atelier e pediu a *pin-up*. Marina, distraída, pensou que fosse com ela. Pelo menos, salvaria a imagem com a Betty Page?

As relações se dão em polvorosa, Marina a pensar em Micaela e na fase *bondage* da *pin-up*, por volta de 1955.

Marina lembra aquela em que Betty aparece com a corda amarrando os pulsos de outra modelo, as duas de lingerie, corpetes, meias de *nylon*. No movimento das horas, a tatuagem foi ficando parecida demais.

Micaela dispensou a tralha da velha com tranqüilidade e a força de trabalho de Marina. Deu-lhe ordens para que esvaziasse o porão, que colocasse tudo no quintal para, mais tarde, levar para a caçamba, que estaria logo logo em frente à casa. Depois, simplesmente sumiu.

A tralha imensa, do tamanho da serra. A poeira de anos, acumulada nos cantos dos móveis antigos, daria para limpar agora.

Marina, encantadora, a carregar móveis pesados sozinha, quase nua. Subir as escadas do porão aos tropeços, arrastar os móveis-caixotes-velhos pelo chão; os movimentos da saia e do decote durante o trabalho, ver os bicos dos seios sob a camiseta cavada e o púbis de repente, no levante da saia.

O inusitado da troca, o que seria pode voltar, nem a porta vou abrir para te receber, tornou-se trabalho pesado, a transpiração escorrendo em bicas atrás das orelhas e por cima do nariz. O efeito leve da maconha nas idéias surpresas,

o chão imundo, a musculatura entre a tensão antídoto da novidade e o relaxamento do exercício, o prazer da eletricidade circulando junto da corrente sanguínea na hora da força, o solo gelado do porão sombrio nas plantas dos pés.

Nesse instante, Marina fazia a boca da Betty sorrindo, tatuou em seus cabelos os de Micaela esvoaçando no quintal ao Sol. Exausta antes do meio dia, viu lá pela uma da tarde o porão vazio, ainda não havia decidido se faria a Betty de sapatos de salto quinze, de botas de couro, ou de meia arrastão, com os dedos dos pés pintados de vermelho.

Marina empurrou os móveis até a caçamba na rua, aqueles que não se quebravam na mudança, ela teve de desmontar para se desfazer deles. Arranhou as mãos; as pernas e as costas arranhou também, de encontro à parede, nos apertos das tralhas; nunca sentiu tantos seixos pontudos no quintal e nas calçadas da rua.

Quando o porão ficou limpinho, a noite caía.

Nessa hora, voltou a ver Micaela para se despedir.

Acho que hoje eu vou te dar o dinheiro da passagem de volta e só. Da próxima vez, nem isso, você está em dívida comigo.

A tatuagem pronta, a moça forte adorou o braço tatuado e a Betty Page.

Loki e os anagramas

Tatuou a poética na mesma perna da retórica. O poema de Edgard Braga admitiu sua função estética na tatuagem do húngaro.

Comprou, saindo do atelier de Marina, três livros: *Poesia pois é poesia*, do Décio Pignatari; *Paranóia*, do Roberto Piva; e *Flash crioulo sobre o sangue e o sonho*, de Cuti.

Leu os três no mesmo dia.

No seguinte, encontrou a *Antologia efêmera*, de E. M. de Melo e Castro; descobriu a poesia portuguesa e o signo explosivo na página 276.

Daniel sobe pelas paredes

Daniel dedicou-se com afinco ao estudo da música nova. O teclado novo, como nuvem cinza, e os maestros sombras.

Da última vez, veio até ele na forma do rei Davi.

Ora Davi, ora Steve Reich.

Daniel propunha séries intermináveis. As doze notas: meras lembranças, vestígios de música entre outras notas. Não apenas notas frequências, mas notas timbres e alturas, séries de timbres, alturas e durações. Os quatro espelhos, tantos quantos possíveis em outras dimensões de espelhos, música em pelo menos quatro dimensões.

O músico e o meio, já não haveria limites entre Daniel e o presente.

De frente para o piano preparado, sente a presença estranha, algo a ver com a inspiração e a música, a propor as séries e as soluções. Sem interromper o solo, o pianista, cabeça curvada sobre o ombro esquerdo, resolveu olhar.

O horror ao vácuo, um espectro.

Daniel, cinicamente, pediu que se tornasse em Clara Schumann, que se sentasse em sua perna, como Duryodhana, enquanto tocava.

o terceiro poder: a poética

Loki não acreditou na legião de demônios que viu ao redor do prédio de Clarinha.

Não seriam tantos se não fossem demos. O húngaro cabuloso, como visita, a sensação de Loki ao passar por eles, o instrumento atravessado ninguém sabe quem.

Da próxima vez precisará lutar, não se conta a mesma mentira duas vezes.

Entre os mais medonhos, um deles dizia que a poesia é o “eu através de metáfora”, desvalorizando *Os Lusíadas*, de Luís de Camões; outro, desesperado, via Loki cometer um ato bárbaro depois de *Aushwitz*; quanto bunda mole criticando Augusto de Campos e os concretistas!

A palavra quase muro, Loki trazia consigo um livro do Delmo Montenegro para dar de presente a Clarinha.

Poesia modal, não se trata mais de acompanhar os raciocínios de Antero de Quental, mas de estudar os anagramas de Ferdinand de Saussure, um sorriso para Saussure em meio à vida e obra dos poetas.

Depois de ouvir todas as bobagens ditas por Leon Trotsky a respeito da literatura e dos formalistas russos, Loki atravessou as barras do portão de ferro, calculou a altura da janela, tomou o elevador com ânsias em amores inflamado.

quatro pontos cardeais

Alguna orientação no espaço para Ludmila, doses constantes de antiinflamatórios, alguns acessórios além daqueles comprados em papelarias e dos talheres.

Argonauta do gel e dos lubrificantes, preservativos e salada de frutas, nem sabia o que procurar direito quando entrou no *sex shop*. O odor diferente, cheiro de couro, borracha, vinil. A coleção curiosa, pendurada nos cabides, pendurados nas araras cor de prata.

Nem soube direito como chegar no vendedor simpático para perguntar onde estavam as algemas sem pluminhas nas argolas, com chaves de verdade. Dona de pulsos e canelas finas, comprou cinco pares: quatro de verdade, uma de mentira.

Deitada na cama, disposta em X, Ludmila deu para dormir sofrendo. Nas primeiras noites, algemava o pulso esquerdo e os tornozelos nos limites da cama, não conseguiria escapar sem as chaves. A cama grande, quase cama de viúva; as correntes e os membros esticados para alcançar as grades da cabeceira e dos pés, a mão livre ficava para se tocar esticada.

Depois, passou a usar a algema falsa na mão direita; na próxima etapa, a trava de abertura ao alcance dos dedos para se soltar de manhã, com os pulsos e os tornozelos machucados em anéis roxos e vermelho escuro.

cegos e poetas

Assim que o elevador se abriu, Loki deu de cara com o escuro, não conseguiria tão cedo reencontrar a porta do elevador.

Escuro denso, nublado de preto, tangível nas pontas dos dedos. O Orco, antes de Samael, antes dos palácios de diamantes. O canto das vogais na panturrilha direita, na mesma perna em que Naberios ainda cicatrizava.

Tateou quarto por quarto, como Valêncio Xavier no *Minotauro*; como Teseu, homem suficiente para matar a besta, insuficiente para esperar a dama dormir e desaparecer.

Loki pode construir seu inferno particular por meio da cegueira, inventar em cada quarto um mundo paralelo, colocar em cada um, uma mulher, e se esquecer de Clara. Contaria história para elas, todas inventadas, como Ulisses a encantar Nausica.

Aquele rochedo ali foi um gigante louco, o mugir do gado à distância vai tomar o lugar dos pesados soluços da tartaruga falsa. Quem te guia agora, Santa Luzia ou um moleque pícaro? Quantos passos para Aquiles até alcançar Kúrma avatâra na encruzilhada?

Se até esse monstro é corno, quem dirá você! Reza por São Roque e pelos cachorros, pede a São Lázaro que compense suas tatuagens, permanece na escuridão, com o livro do Delmo na mão, a repetir discopélvis, disclampsia, discohell.

os treze trabalhos de Marina

Um deslize de Marina para Micaela.

O valor está primeiro no valor, depois nos objetos. Servir para, servir por si; será que serve, ou não serve para nada?

A peça que você quebrou é assim, para nada e para Micaela, pode ser alguma coisa para ti. Um valor sentimental, dizia ela, serve para mim. A serventia da luminária que não ilumina, está para Micaela como as terças e quintas estão para Marina.

Tarar os sentimentos, como nas balanças. Micaela simula sua perda e as compensações; a vingança em que a

vítima sabe que foi você, não pode fazer nada, nada vai te acontecer por disso.

Marina, como no outro dia, foi pega na hora da saída. Micaela desenvolveu-se: o dinheiro pouco importa agora, a reforma da casa por sua conta e por conta da bobina, você por conta dela.

– Inclua as quartas entre as terças e quintas, por três dias durante treze semanas você é minha por conta da bobina. Pelo menos isso.

Ludmila e os desejos do dia

Foi assim, Ludmila passou a usar pulseiras e meias, coisas que não usava.

As cortinas fechadas para ninguém saber, voltava para casa apressada. Do mesmo modo, desfazia-se de si e dos relógios, ia se lavar das horas, não se vestia.

Láudano e absinto ao lado da banheira cheia de espuma? Ainda não, provavelmente erraria na dose e morreria – na dose do láudano, na dose de espuma.

Ludmila enrolava o beque pastel, ficava com farelo de maconha nos lábios. O par de algemas que sobrava fora da cama, colocava nos pulsos; precisava encontrar um par adequado para os tornozelos e poder andar, *ankle cuffs* para Ludmila quando fica em casa.

Em frente ao espelho enxuta, está a admirar os pulsos algemados, as argolas apertadas para machucar.

Como seria se errasse a mão e terminasse presa de verdade?

Os pulsos algemados, ainda conseguia se valer das agulhas e do estilete para se cortar. Pequenas estrelas, uma

meia lua, letras do alfabeto grego, L (de Loki ou) de Ludmila...

No começo, prendia-se com as mãos para frente do corpo; dias depois, passou a prendê-las às costas, comprou ankle-cuffs pela Internet.

Correntes e cadeados nas lojas de material de construção, coleiras para *pitt bulls* nas *pet shops*, Ludmila tem passado as horas a se machucar.

bundas lisas

Francisco, como general de campo, colocou os alunos em posição de sentido contra a parede da sala. Em seguida, logo após o sinal da segunda aula, ordenou que tirassem os uniformes.

Promotor do medo e da vergonha – todos de costa, de frente para a parede, de castigo, Francisco se pôs a examinar os corpos lisos dos adolescentes.

Menos a ajudante chapada, Francisco e a mocinha gótica, a mais bonita da sala.

Cruéis, entre a missão do professor e a hora da aula.

Até o atrevido espancado foi obrigado a se levantar, o vigia suicida do lado de fora teve de tirar a roupa para vigiar pelado.

Quando não chutava as bundas com o coturno grave, Francisco enfiava o cano da pistola nos cus e nas bocetas livres. Fez roleta russa pelas nuças com o revolver, o click mais o giro do tambor.

– Se você pular eu te mato – avisou para o vigia-exemplo, enquanto as roupas do pentelho desciam em queda livre na Avenida Paulista, foi cair no meio da polícia.

Algumas prometiam, outras aprontavam; as gordas já nutriam seus pudins de celulite, havia meninos com bundas tão lisas que pareciam bundas de mulher.

– Qual você acha que é a melhor da classe?

A ajudante do demônio poderia dividir o rigor, enfraquecendo o poder absoluto de Francisco, ou estimular seu ódio, estimular seu ódio.

– São todas feias.

Disse isso enquanto descia a saia, depois a calcinha. A bunda lisa, os pêlos da boceta aparada nos lados, o cheiro de mocinha. Botinas e meias pretas, camisa branca de mangas compridas, os pêlos da boceta aparados nos lados.

A personalidade dela nos pêlos, como para Henry Miller.

Os resmungos do grupo, a bunda mais bonita para Francisco ver e ouvir.

Que meu senhor não se irrite comigo se falo pelo menos uma vez, mas se, por acaso, houver dez justos?

Por causa dos dez, não a destruirei.

pele de leoa

Marina voltou para Micaela.

Uma sondagem. Poderia parar sempre que quisesse, a tatuadora estranha, seu desejo estranho.

O porão limpinho, teve de carregar as latas de tinta e massa corrida para o andar de baixo. À meia luz, teria ainda de instalar as luzes frias e uma série de coisas por ali, por isso a furadeira, o martelo, as chaves de fenda.

Marina, mais desprotegida no trabalho pesado, vestia os mesmos farrapos, às vezes tirava a camiseta frágil no calor do quarto abafado. Chapada, pensava em como iria fumar entre terça-feira e quarta.

O dia passou exausta. Exaustivamente aos poucos, consertou, pintou, terminou nas luzes frias quando já era noite. O banho frio, pousou nas calças de tecido leve, muito leve, como se fosse seda. Quase transparente; as calças pretas quase justas, terminam nas canelas, entre elas e os tornozelos claros. Uma mini-blusa branca e cavada, as unhas azuis escuro não haviam descascado em nada.

No quintal descalça, sobre seus escombros, sentiu o perfume intenso, a fumaça densa na janela acima. A sombra de Micaela na parede do quarto, envolta na fumaça densa na janela aberta.

O sinal curioso, Marina acendeu a bomba para atravessar a noite louca.

Algum tempo depois, foi chamada para conversar.

Uma vez lá em baixo, o porão sombrio era a sala branca, branco cor de gelo. A novidade instalada na parede enquanto tomava banho, a luz fria brilhava sobre algumas coisas no chão.

– Gosto de ver o que estou fazendo – disse Micaela.

Marina emudeceu, em plena pala frente a Micaela.

– Eu não confio nada em você; se vai passar a noite aqui, é melhor tirar essa blusa.

Marina obedeceu prontamente, sem saber porquê. Completamente calada, não falava porque não sabia o que dizer, se falasse falaria baixo demais, a voz grave e caída na tonteira da bola. Ou talvez quisesse obedecer Micaela, obedecer e nada mais.

Ambas chapadas, o atrevimento contra a indolência.

Micaela, por pouco, não perdia a cabeça no dragão e a ave, o ramo em flor e os outros ramos. A água viva, as cobras, a rosa de pedra na articulação do tornozelo esquerdo no campo de visão em plenitude.

Micaela a enfocar Marina agora, pediu a ela que lhe desse as costas.

Apanhou as cordas no chão, atou-lhe os pulsos para trás do corpo. Marina à disposição, permaneceu calada, sem vontade, apenas a vontade de ficar assim; sentir as cinco voltas ao redor dos pulsos, três por entre eles, o aperto do nó.

Micaela continuou o ato, havia metros de cordas soltas pelo chão. Com precisão de inseto, percorreu o corpo de Marina ao redor da cintura, atou os braços entre o cotovelo e os ombros como fez aos pulsos, deu voltas ao redor dos seios e pescoço.

Quando terminou, Marina mal podia se mexer para respirar.

Mas não terminou ainda. Ajudou a moça amarrada a se sentar no chão, puxou a seu encontro as pernas livres pelas canelas finas, a parte das canelas fora da boca justa das calças. Demorou alguns instantes a admirar as figuras sobre os pés, próxima o bastante, ao alcance da boca. Fez as sete voltas ao redor dos tornozelos magros, quatro por entre eles, dessa vez Marina viu quando se deram os nós.

Por fim, ainda fez três coisas: prendeu uma coleira nela, prendeu a corrente da coleira na argola da parede ao lado; quase lhe deu o beijo de boa noite; apagou as luzes antes de sair, trancando a porta.

Mesmo que quisesse, Marina não poderia se livrar agora.

duas de uma vez

Loki chegou desconsolado no atelier de Marina, em pleno sábado, na hora do almoço. Deu com a moça

vaporosa pelo dia quente, apenas o vestido verde e as sandálias baixas, fáceis de tirar. Deu com Marina na porta, na hora do almoço.

Foram juntos pela rua para a padaria próxima; dois PFs para dois amigos?

Ele podia esperar, ela cogitou em tatuar um bife a cavalo bem na bunda dele, a bunda miúda do leste europeu. Tomaram cerveja, até um baseado fumaram juntos antes de começar.

Teriam a tarde toda. Loki, durante os percursos, deixava Marina escapar na frente para ver o dragão chinês nas costas – no vestido cavado, o lagarto solto – para ver como a mocinha rebojava.

Queria um, um dragão e um rebolado. Fazia tempo que não transava, por isso, começou a querer Marina enquanto andavam. Quando chegaram de volta, ela foi fazer café, ele foi atrás. Foi nessa hora que fumaram; uma bomba enorme, saturnina, em forma de cone para concentrar; convergentemente.

Loki mostrou a perna fina, os traços finos do poema concreto e da assinatura secreta. Clamava pela contundência, poesia e retórica são, às vezes, femininas demais.

– Eu também acho... – concordou Marina; logo ela, cheia de livros.

Outra que fazia tempo que não transava. Só consigo mesmo não vale – as fantasias já valem alguma coisa, passar duas noites dormindo amarrada no porão alheio era como se fosse tocada dutante o sono todo através do corpo. As marcas das cordas haviam sumido, mas da memória, não.

– Não – respondeu certa – faça um dragão onde quiser, menos nas costas.

E menor; um como o meu demora dias.

Marina abriu as pernas, sentada na cadeira da cozinha, pegou a perna tatuada do rapaz confuso. Apoiou a perna bamba dele entre as pernas firmes, o pé apoiado entre as pernas dela. Ela na ponta dos pés, daqui a pouco vai ficar descalça, vai subir assim; ele, com calor, vai sentir vontade de tirar a camiseta amassada.

– Vamos fazer aqui – Marina separava a zona da canela direita pouco acima do tornozelo, virada para fora do homem. Pegou a caneta hidrográfica azul escuro, começou o desenho no lugar – vamos fazer o dragão subindo; quando você se cansar do gás, a gente faz uma carpa do outro lado, descendo.

Quando subiram, a figura estava pronta, só riscar.

Talvez nem se desse conta: Marina demorou quando desenhava, ao depilar o cara, a preparar as tintas sem deixar de olhar. Enquanto desenhava, errava, verificava, molhava o dedo na língua, apagar e concertar os erros.

A saliva fria... Se fosse menos tonto, Loki a distrairia para errar bastante.

Cheio de escamas pontudas, de curvas, o dragão foi ficando pronto, como tartaruga. Um intervalo e fumar mais uns, descer de novo para fazer suco de cenoura com laranja, cada hora um escolhia o CD: rock da Hungria, reggae da Bahia, *Britney Spears greatest hits*.

Perto de acabar, o atelier no meio da fumaça, Loki sem camisa, deitado a descansar da dor. Deitado de costas, Marina tem a vaselina e as sete agulhas no motor elétrico. O olho do dragão, a última gota?

Ele não viu que terminava, ela subiu na mesa depois de segurar a perna com força. Subiu feito lagarta, pé ante pé; segurou o corpo dele com força, beijou-lhe a boca com a alça do vestido fora dos ombros.

O pau duro na hora, longe da brochada, o tronco largo da mostarda, a cintura dela no abraço húngaro. A boceta aflita, o caralho louco na trepada insana, Marina no abraço Loki, o braço esquerdo dele nas mordidas dela. Fixou-se no braço, a mocinha lúcida, trouxe consigo o motor da máquina e o vidro de nanquim, sem derramar.

Virou Loki de lado, como boneco, virou porque estava tonta. A bengala larga, a cona justa, Marina enfiou seu pau dentro de si contente, o sorriso largo pelo céu aberto. Curvada, como seria a serpente curva, magra, fina qual serpente d'água, pisou com o pé esquerdo bem na cara dele. Dobrou-se até a altura do ombro, Loki de lado da cintura acima, deitado de costas cintura abaixo, feito em curvas como ela na trepada deles.

Fixou o homem, fixou o braço; começou o traço pelo braço dele, tatuagem clássica no braço, do lado de fora. Desenhou de prima, sem rascunho, sem permissão. Enquanto metia cada vez mais fundo, tatuou a hânica japonesa, a hânica cara de boceta para dar alento ao Loki.

por empatia

Clarinha, no telescópio, viu o moleque bambo jogando as calças ao sabor do vento. Caíram como ele caíra, se tivesse pulado um dia. Virou-se para trás, viu o mesmo menino nas telas de um dos computadores e de uma das televisões. Em outro, já havia a sala de discussões batizada Francisco.

Justiceiro ou monstro? Francisco era tudo: agente da guerra santa, agente secreto, ser extraterrestre. Disse que se todos os jesuítas se transformassem como Molina, d'As *minas de prata*, de José de Alencar, libertaria os reféns.

Mas não libertaria, pois ninguém se transformaria em nada.

Às avessas, talvez fosse sua melhor *performance* na sala de aula.

Quando viu a bunda dela, Francisco e Clarinha formaram um só – Clarinha também viu, na refração da luz. Longe do estupro – e Francisco estupraria hoje – o encanto.

O professor deixou os alunos na sala, virados para a parede, nus e choramingüelas.

Disse que voltaria a qualquer momento; se não os encontrasse assim, mataria pelo menos três, dois meninos e uma menina. Não... Dois meninos e duas meninas.

Pegou a mocinha gótica pelo braço. Pegou com força, com sorriso nos lábios, era para ser com força e não era. A mão do professor no tecido branco e leve da camisa do uniforme reinventado, já se pegaram no corredor vazio.

Começou pelos cabelos dele, úmidos de suor e coragem. Beijou-lhe a boca ávida, beijo de aluna em boca de professor. Francisco abriu os braços em cruz. A mocinha desceu as mãos por seu peito, por cima da dinamite, abriu o casaco dele, colou os seios ao encontro íntimo. Os seios duros, desatar a cinta, abrir as calças. Ajoelhou-se em frente ao homem, chupou a rola endurecida, como se fosse doce.

sombra de sombra

A música constantemente. Daniel varava os dias e as noites sem dormir, sem estar acordado. Não era mais o piano, não era mais Daniel, não se sabe ao certo quantos dias nem quantas músicas. Em seu processo criativo, há

uma música só, o resultado se confunde com o processo através dos dedos e da mente.

Até a noite alta em que ouviu a confusão. Por instantes, teria ouvido a música que não fosse sua? Além de Clara Schumann nua, na parede do quarto, a algazarra lá fora. Se você encanta as moças com a sua música, prepare-se para dar de ouvir aos tolos; para cada peça de Satie, uma vaia; para cada poema de Haroldo de Campos, um crítico literário, uma impressão tardia.

Contudo, uma única meta, Clarinha é admirada através da janela.

Loki já chegou atravessado, dando porrada. Saltou a cerca de ferro, as lanças na vertical, caiu no meio da horda. O jardim tomado pelos demos, Loki, na primeira pernada, derrubou três. Ninguém viu nada, a massa invisível espalhando socos e ponta pés. Foi esse ritmo convulso, próximo da salsa, que Daniel ouviu.

Próximo da janela, Daniel parou de tocar, mal acreditou no que viu lá embaixo. Poderia ter continuado no piano, mas parou. A perna direita e o braço esquerdo do húngaro em equilíbrio dinâmico, o festival da pancadaria ao redor do homem piorra.

O vento do dragão, o susto da hânia, o demônio no braço de Loki a assustar Daniel. Quando o último demo foi ao chão, Loki, pensando encontrar Clarinha livre, enfim salva, encontrou a janela escura, encontrou Daniel no andar de baixo.

O arco e a lira, espere um pouco que estou descendo.

o quarto e o quinto poderes:

Desde a *Ilíada*, o encontro entre dois homens é sempre suspeito. Ordens monásticas, militares, dois amigos... Dois estranhos.

Daniel pegou o gonje de cinco cordas, já chegou no térreo com o instrumento africano preso à altura do ventre, como uma guitarra. Entre as pernas, o arco, que vinha da cabaça, parecia seu pinto duro olhando o céu.

Loki, o braço esquerdo a proteger o rosto, o direito para desferir os golpes, pulava corda como kung fu. Os filhos de Daniel, derrotados, jaziam pelo chão exaustos, dali a alguns instantes sumiriam.

Loki desviou-se da primeira nota, sentiu quase no peito a segunda, da terceira em diante as desviou de si, certas. Mais gay impossível, por pouco lembraria São Sebastião. Pulou, inspirado por Hanuman, exerceu a arte do *jeet kune do*. No meio dos pulos, aproximou-se o suficiente para segurar a vara e deter o músico.

Um caso clássico de rivalidade; no final dos tempos, Abel pode matar Caim, ou pode se deitar com ele.

O maestro pode tocar Brahms, o maluco pode até dançar.

Uma serenata entre os dois, de homem para homem, a moça da janela nem sabia o que acontecia embaixo.

as paixões complexas do Marquês de Sade

Mesmo assim, Marina voltou na semana seguinte, pelas contas ainda faltavam trabalhos. Dormiu amarrada

no porão limpinho; na noite seguinte, Micaela avançou mais.

Foi despertada ao nascer do dia, começou a cuidar do jardim junto com o Sol.

Apenas foi desamarrada e só. Podia se levantar, comeu alguma coisa, trocou-se para trabalhar.

Encontrou a pá e a picareta duras, precisava cavar antes de plantar. Em pouco tempo demorava horas, não sabia fazer direito. A pele é bem mais fácil de cortar do que o cimento, as palmas das mãos e as solas dos pés já estavam machucadas antes do meio-dia.

No turno da tarde, Micaela disse que não queria acabar com ela, que tratasse do muro ao invés de se ferir. Obediente, a tarde passou através da espátula e da cal.

Micaela repetiu a janela, o fumo, Marina dessa vez fumou debaixo do chuveiro morno. Na hora de dormir, talvez porque estivesse mais desconfiada ainda, fez com que Marina se livrasse das calças e a camiseta.

Manteve as mesmas voltas da cintura acima, pulsos, braços, seios, continuou amarrando daí. Ligou o nó dos pulsos às voltas da cintura, passou pelo meio das pernas, foi fechar no umbigo. O laço penetrou Marina, percorria apertando o cu, a boceta, o clitóris. Micaela fez mais voltas ao redor dos joelhos, amarrando as coxas e as canelas, amarrou os tornozelos. Deitou Marina de bruços – os seios e o ventre contra o chão frio do porão – dobrou as pernas para amarrar juntos os pulsos e os tornozelos, amarrou os hálux com barbante fino. Um movimento qualquer, todos os movimentos apertavam os seios, o cu, a boceta.

– Amanhã você pega leve, faça no quarto lá de fora o mesmo que você fez no porão, livre-se das bugigangas antes de ir embora.

Só isso; Marina passou a noite gozando, como se tivesse tomado afrodisíaco quando fumou.

Quando voltou na semana seguinte, foi dito a ela que cuidasse somente do quintal fodido, turnos da manhã e da tarde. Arranhou os pés, as pernas, os braços, as mãos, cobriu-se de poeira e terra sobre a pele colorida e os cabelos. Transpirava, o calor cola, poeira e terra coladas sobre Marina.

Sentada para descansar, a noite tomba, o vento fresco faz secar a cola. Sacos de entulho para fora, antes que fizesse isso deu com Micaela. Vestia a jardineira jeans, um pouco larga e fora de moda, calçava sandálias de couro. Seria para rir de canto, não estivesse quase nua, dava para ver ombros, seios, braços, pescoço, tudo. Dava para ver os pés e as canelas finas, as alças a cair dos ombros e mostrar o colo.

Vestida e calçada para impor respeito, acendeu o beque, e passou a bola.

Em silêncio, doidas, como duas monjas, mais o pôr do Sol com vento fresco. No auge da marola, sentir no ar dois sorrisos.

No auge da marola, Micaela e Mariana desceram juntas.

No mínimo duas, Micaela a desnudar Marina novamente. Mas de outro modo, abordou Marina de frente, para olhar seu rosto, que olhava para baixo. Amarrou os pulsos dessa vez na frente do corpo, disse para subir na mesinha tailandesa, em forma de tartaruga, que apareceu ali.

Micaela pegou agora a corda mais longa, prendeu nos pulsos amarrados, havia uma argola no teto para sustentar Marina presa pelos pulsos, na ponta dos pés sobre a tartaruga. Na ponta dos pés, teve os tornozelos amarrados, o equilíbrio estranho para não cair.

Apareceu também a *ball gag* de rosto, Marina já as havia visto só nas fotos com a Betty Page. Como na semana passada, não resistiu, não disse nada. Micaela introduziu a bola grande de borracha na boca, por pouco não cabia inteira, prendeu as fivelas da nuca e do alto da cabeça.

Descalçou-se também, deixou de lado as alças e mostrou os seios. Na mão, o chicote de franjas de couro e cabo de madeira, o cabo tinha a forma do pinto duro na forma do macaco narigudo.

Marina não conseguia ver Micaela, Micaela a pegar Marina por trás. Algum medo, não conseguiu pedir que parasse, alguns gemidos de medo antes da primeira chicotada, perder o equilíbrio e cair. Caiu da tartaruga por causa do macaco, ficou suspensa pelos pulsos, o corpo esticado porque os dedos dos pés mal tocavam o chão.

A dor aguda, a chicotada intensa antes e depois dos silvos. O grito fino, o urro de dor, o sons abafados da dor amordaçada de Marina.

flores e folhas coloridas

Quando se cansou, Micaela desfez os nós, Marina tombou exausta. Foi acordar na noite alta, suja, toda amarrada para não fugir. Livre da mordação, conseguia respirar melhor, mas a boca ainda doía. Doíam os pulsos e os braços, doíam as costas, a bunda e as pernas chicoteadas.

Por volta das nove horas da manhã, Micaela abriu a porta, soltou Marina, disse, depois que se banhasse e comesse alguma coisa, para descarregar o que havia trazido na caminhonete lá fora.

Enxuta, não viu mais Micaela até anoitecer.

Encontrou na mesa da cozinha pães gostosos, geléias, manteiga, leite com chocolate à vontade.

Ainda limpa, mas esfarrapada, encontrou na rua a carroceria cheia de mudas e flores, sacos de terra adubada. Tantas cores quanto as que trazia coloridas na pele: bromélias, roseiras, flores do campo e silvestres, caixas e caixas de cada tipo delas; arbustos pequenos, cactos e lágrimas de Cristo, muitas mudas de unhas de gato, outras que nem sei o nome.

Começou por retirar o entulho do jardim da tarde anterior, preferiu livrar-se da sujeira para só ficar nas mudas.

Nunca preparou nenhum jardim, Marina? Isso é mentira.

O jardim é sua semelhança. Marina cheia de doces, e depois de fumar o baseado, tinha o quintal de terra para passear descalça. A terra do dia anterior foi recoberta pela terra fofa e úmida vinda dos sacos, Marina tinha várias mudas para sistematizar e muitas escolhas.

na lanchonete

Para Loki, o *cheese* salada, com maionese a parte, e o *milk shake* de coco, com cobertura de chocolate; para Daniel, o calabresa com queijo *cheddar*, cebola e um *milk shake* de chocolate.

Nas televisões do lugar passava Shakira ao vivo, em DVD. Já havia cantado *Estoy aquí, Whenever, whenever* era a última música.

Famintos, não tiravam os olhos da tela nem da direção da chapa.

Mergulhados depois nas guloseimas:

– Você conhece aquela menina do andar de cima?

– Conheço.

– ...

– Ela é maluca. Quer dizer, meio maluca.

– Já comeu ela?

– Ela me comeu uma vez. Estranha, não sai de casa, quer tudo limpinho...

– Eu gosto dela. Nunca falei com ela, mas gosto.

– Eu entendo você. Nunca estive em Cuba, mas gosto de salsa.

– Como ela se chama?

– Não sei... Sabe, nunca tinha pensado nisso, mas salsa é bem legal!

– Como assim?

– Assim: x xx , x , x/x x xx , x

– A menina!

– A menina doida? É só a menina que mora por cima, ela não tem nada demais.

sinfonia fantástica

Marina voltou ao porão naquela noite.

Deu com Micaela e as latas de tinta, metade das paredes haviam sido grafitadas.

– Amanhã eu vou buscar vasos e xaxins; vou comprar jibóias, samambaias de metro e plantas com folhas roxas.

Chapada, passou a bomba para Marina.

Dessa vez, nossa heroína foi amarrada assim: nua, os pulsos para frente do corpo, os braços levados para cima da cabeça, os cotovelos dobrados sobre uma barra de ferro; uma corda parte dos pulsos para ser enrolada ao redor dos

seios e dos ombros; por outra corda, foi suspensa pela barra de ferro e presa na argola do teto. Sobre a mesa tailandesa, agora em forma de sapo, Marina foi colocada ajoelhada. Os tornozelos amarrados juntos, uma corda suspendia os pés, dobrava os joelhos, o nó seria dado na mesma barra de ferro. Desequilibrada de novo, por qualquer movimento poderia cair da mesa e ficar no ar.

Amordaçada, foi chicoteada dessa vez nos seios, no ventre, no púbis, nas solas dos pés sujos de terra.

as soluções práticas de Ludmila

Nunca se dera ao trabalho de contornar a rua e dar na casa geminada com o quintal da casa dos relógios. Deitada de costas na cama branca do atelier de Marina, Ludmila havia acabado de recusar as anestésias.

Descalçou os sapatos, livre da blusa; continuou de saia, descida abaixo do umbigo. Algo para se lembrar, algo para furar permanentemente ao lado das marcas e dos arranhões no corpo.

Decidiu colocar as jóias ao se despedir do homem das bengalas, a moça dos relógios contra o bengaleiro. Beberam café expresso no mesmo boteco em que Loki viu as luzes de Marina ao cair da tarde, de modo parecido Ludmila viu quase a mesma coisa.

Escolheu as duas argolas, um de banana e um de alteres na mesma hora em que alugou a casa da relojoaria, já não era mais a mesma quando entregou a chave para o novo inquilino.

Agora, era uma loja de bengalas; bengas de todos os tipos, inclusive a que Ludmila trazia consigo ao entrar no

atelier de piercings e tatuagens. O jovem rapaz – para nós, o Bengala – vendia, consertava, colecionava várias delas. Todos os tamanhos e todas as maçanetas possíveis: emblemas da maçonaria, rosa-cruz, partidos políticos; times de futebol nas mais vagabundas, bijuterias e borboletas mortas; flores, animais, efígies; bengalas da Academia Brasileira de Letras com a cara do Machado de Assis – sorumbático e casmurro – outros cornudos, imitação da bengala de Lon Chaney quando fez *O lobisomem*, em 1941, pelos *Universal Studios*.

Ludmila escolheu uma argola para cada mamilo, o de banana fica para o umbigo, o alteres, para a língua comprida. Dispensou anestésias, queria se sentir furada por agulhas, que o furo continuasse doendo. Uma cruz de dor em quatro pontos cardeais na frente do corpo.

Chegou a perguntar se Marina fazia brandings.

Ainda não.

O Bengala, que há tempos atrás seria um amigo perfeito para Ludmila – outro panaca – não foi desprezado por ela, como seria desprezado por Loki, por Daniel, por Clarinha, por Marina e, é claro, por Francisco.

Seria, com certeza, desprezado por Micaela, por Naberios, pelo nefelin.

Ludmila se limitou a não fazer amizade, foi política, evitou conflitos.

O ligeiro tesão nos olhos do Bengala, ofereceu a ela uma de brinde, lembranças de um bengaleiro módico. Que escolhesse a que quisesse, menos as da coleção particular, expostas em cristaleiras antigas.

Ludmila, certa, escolheu a bengala do estripador, daquelas em que há lâminas escondidas dentro do corpo, a maçaneta é o cabo da faca fina e afiada.

Saiu da casa de Marina furada, apoiada no brinquedo novo para não cair.

o macaco nu

Daquela noite em diante, Loki ligava quase todo dia para Daniel.

O maestro, contudo, não respondia aos recados, não estava em casa hora nenhuma para receber.

Ludmila sangrenta, manchando a blusa com pingos em três lugares, a língua deliciosamente inchada para se morder; acabou de atravessar a rua, do outro lado da rua Loki homem macaco, isento de cultura humana. Vinha mastigando o espetinho, o próprio chipanzé pronto para trocar a carne e meter com a macaca ávida.

Não se viram.

Loki, por pouco, não pegava Marina com as luvas de borracha. Marina, por sua vez, tinha de usar vestido leve, mas opaco e descende para esconder as marcas de chicote, tinha de andar de leve para sossegar os pés chicoteados. No calor dos trópicos, daria para ver melhor as marcas nas pernas, não fossem folhas e flores pelas tatuagens.

Desbutinado, Loki nem reparou na fera, já não sabia se queria Clara ou se era Daniel.

– Podemos fumar lá em cima?

Marina quase reclamava da confusão de sua morada com boca de fumo, ponto de fazer função... Deixou passar, resolveu fumar; afinal de contas, a rola larga do húngaro foi bem gostosa na chave da boceta úmida.

– Acabei de colocar piercings em uns peitos tão gostosos, pareciam dois *sundaes* com framboesa em cima e bastante calda de morango.

– ...

– No umbigo, então, foi demais. Ela abaixou a saia, deu para ver os pêlos do púbis aparados de lado, que delícia de boceta.

– ...

– A língua!... quase coloquei a minha e a dela no mesmo furo na mesma jóia – mostrou o piercing na língua, o único furo em todo o corpo de Marina.

– ...

– na mesma hora.

Não queria dar para Loki hoje. Se pudesse, sonharia apenas com Ludmila.

Loki disse que precisava escalar um prédio do lado fora, como o Homem-Aranha. Marina pensou: aqui está uma boa metáfora para suas punhetas, demo.

Marina não acreditava na teoria da evolução porque o homem vem de Deus, não do macaco. O homem, no entanto, é 100% animal, fala com os macacos na comunicação animal.

– Você conhece a lenda do macaco da Lua, que sempre vem tocando flauta? Pois vamos tatuar esse macaco na sua coxa direita, do lado de dentro. Assim, se você não subir pelas paredes, ele fica perto do teu pau taludo.

o macaco cabo

O jardim ficava cada vez mais bonito, digno dos árabes e dos babilônios. O jardim do Éden para as Evas e as flores.

O quartinho de fora enfeitado com plantas, almofadas, dois narguilés; as paredes do porão recobertas de desenhos, plantas penduradas, há vários vasos, tapetes e dois cubos por lá.

Amarrada por todos os lados, Marina se arrastou sobre os tapetes, de todas as cores e figuras, perseguida pelos

chicotes e palmatórias de Micaela, as duas nuas através do ar. Obediente, deitada de bruços, oferecia as solas dos pés, os dedos apoiados no chão para expor melhor, contava as chicotadas, gritava de dor, chorava enquanto contava de um a dez, de dez a trinta – se dobrasse os joelhos para se esquivar mereceria mais, seria imobilizada mais, queimada com a ponta do cigarro de maconha aceso.

Depois de horas de tortura intensa, não havia parte do corpo de Marina que não fosse dor e prazer, dor de verdade e de prazer convulsivo.

Dormiu deitada de costas sobre o cubo, o dado cor de rosa com as bolas brancas e de pelúcia. Foi amarrada assim: deitada de costas, só as costas deitavam sobre o dado rosa; os braços foram colocados para abraçar as coxas, os pulsos amarrados para segurar as coxas entre os braços; os tornozelos amarrados para juntar as pernas, uma corda passava entre os nós dos pulsos, dos tornozelos, ia se prender na argola fixada no teto. Marina ficava assim: pendurada, levantando as pernas; expor o clitóris, a boceta, o cu.

Amordaçada agora, a *ball gag* de rosto, a cabeça pendia na aresta do dado.

Micaela aproveitou-se dela, fartou-se de clitóris, boceta, cu. De joelhos, chupou o clitóris amora, a boceta de mel, o cu em forma de botão de rosa. Cobriu a bunda de chicotadas, o látigo a pegar nos três.

Antes de subir, introduziu o cabo em forma de macaco-pinto no cu da sua menina escrava, o macaco foi dormir ali a noite inteira.

Que maldade, Marina! Um consolo enfiado no cu e você não pode se masturbar com as mãos amarradas longe de si.

inacabada

Na altura do terceiro andar, Loki cogitou olhar para baixo para não cair.

Naquela mesma noite, de galho em galho, acabou chegando pela última vez no prédio de Clarinha.

O objetivo do macaco é tomar o céu de assalto. Pulou as grades, alguns arbustos, começou a subir. Passou pelos gordos do primeiro andar, tomando *diet shake*; por uma menina muito mais gostosa que Clarinha, no segundo andar, só de sutiã e calcinha; um apartamento vazio, pintado de roxo; uma garotinha de treze anos olhando no espelho.

Escalou o prédio como King Kong, parou um andar abaixo da janela dela.

Nem reparou no instrumento estranho, deu com Arnold Schoenberg no corredor.

O corpo em confusão, não sabia se batia no velho, se ele de fato o via, se recitava um poema de Kandinski na tradução de Augusto de Campos.

Nessa hora, antes do maestro sumir, tornar-se espectro e voltar ao Orco, de onde veio, permitiu que se tocasse uma última nota, ao sabor do vento, um último demônio escapou pela janela aberta.

abertura cubana ou um brasileiro em Havana, Cuba

Admirando o mar, a Lua sobre o oceano, Daniel com o sorvete de chocolate, comprado na Copélia. Do lado direito Havana Velha, em frente o Oceano Atlântico e o continente perdido.

Havia comprado o batá durante a tarde, seria fácil viver como pianista sob a ditadura do proletariado.

No estado laico não haverá mais demônios, mesmo afinando em trítano o batá; em menos de uma semana já havia encontrado uma namorada.

as soluções míticas

Ludmila olhava para o mesmo oceano.

Longe de tudo e de todos, mudou-se para o litoral paulista. Sob o Sol de outono, em pouco tempo já seria árabe de novo.

Atravessara a maré alta de canoa até onde estava agora, a canoa havia sumido ao cair da tarde e a deixou ilhada. Não se preocupou, permaneceu ali sozinha em frente ao mar.

Quando se levantou, deixou o que trouxera ali, partiu apenas de biquíni verde, verde cor de cinza como ficaria o céu. Atravessou a maré, um bom pedaço a nado, saltou, foi aflorar do outro lado coberta de água salgada.

Proseguiu a pé pelas picadas, havia acabado de fumar um beque do outro lado.

Sentiu descalça a areia, o mato ralo ao redor das trilhas, o asfalto. Sem direção, continuou sem escolher um lado pelo acostamento afora.

A luz de outono fraca, o céu ficou nublado devido aos ventos constantes. Os seixos e outras coisas pontudas pelo acostamento, Ludmila começou a se ferir nos pés por onde andava, parecia quando se cortava de propósito com os talheres. Não se desviou de pedrinhas, cacos de vidro, da bituca acesa que voou do carro que passava.

Veio a noite com seu vento frio, o corpo seminu arrepiado, Ludmila sentiu nos cabelos ressecados as

primeiras gotas de chuva. As gotas, a água doce em correnteza, o gelo. Quando a chuva se formou em pedras, Ludmila já estava nua, para cada pedra um risco sobre a pele lisa.

o senhor das moscas

Francisco recebeu em cheio, havia sido possuído no que sempre fora.

Um dia, um homem se dá conta de que está possesso.

Foi ouvindo *A noite transfigurada*, de Schoenberg, pela rádio Cultura do Estado de São Paulo, que Francisco resolveu dar início ao século XXI.

Disse à menina gótica que se vestisse, que fora a melhor trepada da vida. Deu a ela o cheque com o valor total do que tinha no banco, era para que comprasse roupas e permanecer bonita.

Não deveria olhar para trás, não queria ver sua ajudante justa transformada em cinza.

Quando entrou na sala, no tempo exato dela escapular, encontrou os pobres diabos ainda de joelhos, nunca os viu tão comportados.

– Se eu fosse médico, explodiria um hospital; se fosse soldado, um quartel; se fosse padre, uma igreja. Como sou professor, vou explodir este colégio filho da puta.

Na Avenida Paulista fez Bum; no telescópio, atenta, Clarinha viu a nuvem de fumaça a se espalhar no céu, como cogumelo.

hino a Flora

Na noite anterior ao último trabalho, Marina dormiu na casa de Micaela de quinta para sexta-feira.

Jantaram juntas, Micaela trouxe porções de sushi e sashimi para dividir.

Atravessou a última noite suspensa. Micaela envolveu a cintura e entre as pernas com cordas; pelo nó atado às costas, na altura dos rins, foi suspensa de bruços na argola do teto. Micaela amarrou os pulsos também atrás do corpo, suspendeu os braços para trás e prendeu, com outra corda, o nó dos pulsos à argola do teto, fez o mesmo com os tornozelos.

Marina agonizava de dor, suspensa desse jeito. Foi amordaçada com a *ball gag* de rosto, a saliva escorria, os fios grossos a pingar no chão. Uma corda trançada nos cabelos e foi forçada a levantar o rosto, quando Micaela prendeu a trança e a corda na argola do teto.

Assim torcida, contorceu-se de dor quando foi chicoteada nas costas, nas pernas, na bunda em forma de coração, no rosto, nas solas dos pés. No fim, Micaela prendeu nos mamilos grampos, pequenos pesos em forma de bolas cor de prata, do tamanho de bolas de bilhar para machucar, fazer doer os seios durante horas.

Desse dia em diante, o jardim suspenso nunca mais voltou, havia pago a dívida com a bobina de Tesla. Deixou em seu lugar, na casa de Micaela, o jardim plantado mais bonito da cidade.

Dias depois, assim que Loki saiu mais uma vez da casa de Marina tatuado, uma surpresa. Mal a porta havia se fechado de novo, Micaela apareceu no atelier, de vestido curto, coberto com estampas de flores.

Fingiu não reconhecer Marina, fingia que fingia que não reconhecia.

Foi recebida com sorriso franco. Marina deixou que conduzisse a peça, a cena era agora em seu lugar de origem.

Encantadora, Micaela era a cara da comédia, só alegria. Marina também, as duas meio bobas de amor.

Micaela quis subir, mostrou o corpo nu para Marina, disse que queria ser toda tatuada, repleta de flores e de outras coisas. Seu corpo seria dela; para ela, um tipo de jardim.

submetido

Loki saiu da casa de Marina antes do Sol se pôr.

Parece estranho, mas o encontro com Schoenberg na casa de Daniel mudou o rapaz. Foram poucos segundos, névoa de névoa – sombra de sombra – apenas uma nota na série do compositor. Um ritmo, não uma melodia; um ritmo de timbres.

Antes de procurar Marina novamente, lembrou-se da tradução d'*O tigre*, de William Blake, de Augusto de Campos. Há, sobre a tradução de cada verso nas edições do *Viva vaia*, a reprodução da figura do leão em arte caligráfica árabe, as letras a fazer com que se pareça ao tigre, listrado de palavras.

O Sol em sua descida, uma espécie de morte; irmã Lua prateada vai nascer no escuro de irmão Noite sobre a cidade de São Paulo, como se fosse em pleno deserto. Francisco está em casa agora, antes do começo, perfila as bananas de dinamite diante si como se fossem soldados. Daqui a algumas horas, explode; o beque bomba é a primeira fagulha no estopim das bombas.

Importa?

Na tatuagem do tigre, fixada nas costas de ombro a ombro, Loki marcha em direção ao pólo norte – está feito em nome do Leão de Deus, a face de Deus, o vitorioso Alá.

